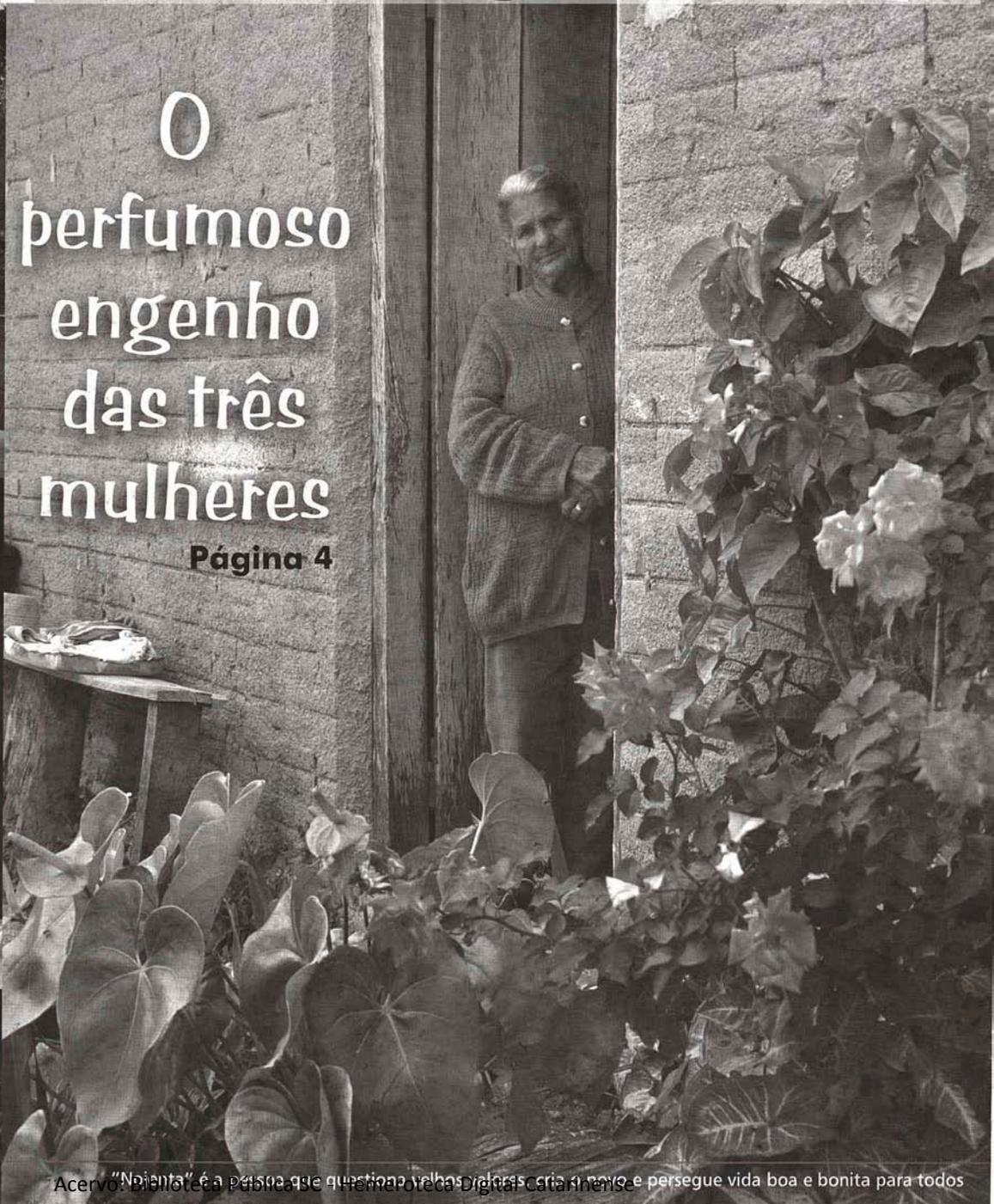
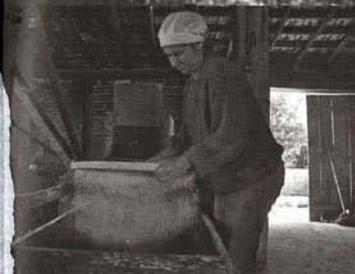


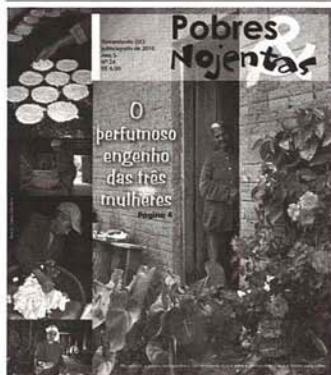
Pobres & Nojentas

Florianópolis (SC)
julho/agosto de 2010
Ano 5
Nº 24
R\$ 4,00

O perfumoso engenho das três mulheres

Página 4





04 O engenho de Inácia, Maura e Vilma

- 10 ... e lá fora se falava em liberdade
- 14 Resistência garante terras a comunidades tradicionais
- 18 Braços enganchados contra a cobiça capitalista
- 23 Urge somar as verdades e dizê-las a todos
- 24 Josélia, a mulher que não pára

Seções

- 03 Editorial
Ouvir o clamor, narrar a luta
- 08 Crônica
A semeadora
- 13 Crônica
Uma menina de 80
- 26 Tempo Livre
- 27 Poesia
Espelho quebrado

Para assinar Pobres & Nojentas

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
 - Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)



5 edições ao ano
(bimestral): R\$ 25,00
(inclui as despesas
com o Correio)



Cooperativa da palavra libertária, criadora, caminheira. Não quer lucro nem fama. Sonha derrubar muros que separam e escondem aqueles que têm a sua palavra calada, mutilada, censurada, castrada, quebrada, torturada, em nome do lucro, do mercado, da competição.

Colaboraram nesta edição:

- Camila Bion de Assis
- Celso Martins
- Celso Vicenzi
- Eduardo Schmitz
- Elaine Tavares
- Miriam Santini de Abreu
- Mônica Fünfgelt
- Pepe Pereira dos Santos
- Raquel Moysés
- Raul Fitipaldi
- Rosângela Bion de Assis
- Rui Fernando da Silva Neto
- Sandra Werle

Edição

Elaine Tavares
(MTB/SC 00501-SC)

Endereço eletrônico:
eteia@gmx.net

Projeto gráfico, Editoração
e Tratamento de imagens
Rosângela Bion de Assis
(MTB/SC 00390-SC)
Sandra Werle
(MTB/SC 00515-SC)

Revisão

Mônica Fünfgelt

Artes da *Pobrecita*

- Silva
- Eduardo Schmitz

Apoio Cultural

- Sindprevs/SC (Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina)



Florianópolis/Santa Catarina

Ouvir o clamor, narrar a luta

Por Mírian Santini de Abreu,
da equipe de P&N

Li "Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos", do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, emprestado do colega jornalista Gilberto Motta. O escritor, em um dos trechos do livro, menciona que o nosso mundo é obcecado por estatísticas, médias e maiorias. Por isso, em uma guerra, a tendência é medir o mal, a crueldade, a repugnância e a infâmia pelo número de vítimas.

Mas Bauman cita outro autor, Ludwig Wittgenstein, que disse o seguinte em 1944, um ano antes do final da guerra sangrenta:

"Nenhum clamor de tormento pode ser maior que o clamor de um homem.

Ou, mais uma vez, *nenhum* tormento pode ser maior do que aquilo que um único ser humano pode sofrer.

O planeta inteiro não pode sofrer tormento maior do que uma *única* alma".

Penso que a reflexão aponta um dos

caminhos para o jornalismo que buscamos fazer na *Pobres & Nojentas*. Ouvir o clamor de cada um e de cada uma que, nestas páginas, nos emprestam sua história para dela fazermos palavras. Ouvir esse clamor em um certo lugar, e dar a esse clamor um sentido no mundo. Um sentido único, porque cada ser é único.

A televisão, os jornais e revistas despejam todos os dias números sobre as mortes na Palestina, no Iraque, na Colômbia, no Brasil. Números que até aparecem em gráficos. Dez, cem, mil mortos, centenas de mutilados. Gente expulsa de um país, de outro, nascendo e crescendo em acampamentos provisórios, alvo das "campanhas humanitárias" dos mesmos países que geralmente os colocam em tal situação.

"Mais 50 mortos na Palestina; 300 assassinatos em São Paulo neste ano", dizem os apresentadores dos telejornais. Mas, como diz Bauman em seu livro, a

maioria tem televisão, porém poucos têm acesso aos meios de *teleação*. Por isso, a *Pobres & Nojentas* quer caminhar nas veredas, ouvir o clamor – e também o júbilo, a alegria – mas, principalmente, contar a história de homens e mulheres que, ao ouvir o clamor uns dos outros, decidem pensar juntos na ação comum, na luta por um mundo digno, teleação mútua que não costuma aparecer na televisão. E, se aparece, geralmente é tratada como se a luta fosse crime.

Esse é o jornalismo que a gente quer ver germinar aqui.

A equipe da P&N agradece à Diretoria do Sinergia – Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis – que fez 20 assinaturas da revista e assim, mais uma vez, deu uma contribuição fundamental para a construção da soberania comunicacional em um estado que se mantém refém do oligopólio do Grupo RBS.

P&N na banca

A Banca da Catedral, na frente da igreja-matriz de Florianópolis, na Praça XV, vende a revista *Pobres & Nojentas*. Compra a tua ali! O telefone é 48-3224-5558. O twitter é twitter.com/bancacatedral

A nossa equipe agradece a Adriana, a Bianka e o Sandro.



Pobres & Nojentas tem Boletim Eletrônico

Cadastre seu e-mail em revistapobresnojentas@gmail.com para receber o resumo das notícias, reportagens, crônicas e artigos, além da agenda do movimento sindical e popular.

P&N no Orkut

Comunidade Pobres & Nojentas

No You Tube:

<http://br.youtube.com/PobresyNojentas>

P&N no Twitter

www.twitter.com/pobresnojentas

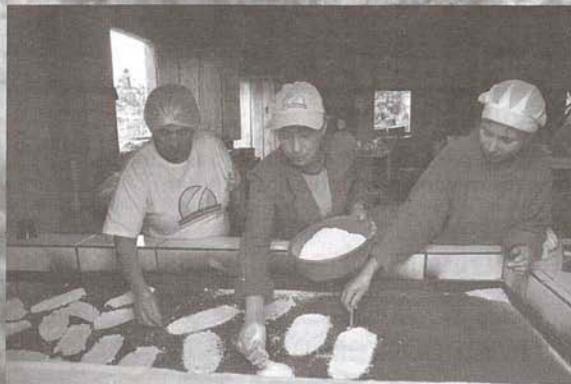
Blog da revista teórica (comunicação e jornalismo)

<http://revistapobresnojentas.wordpress.com>

Blog da revista: <http://pobresnojentas.blogspot.com>

O engenho de Inácia, Maura e Vilma

Texto e fotos: Celso Martins,
de Paulo Lopes (SC)



Da esquerda para direita, Inácia, Maura e Vilma

Estamos no meio de uma planície arenosa entre a serra do Tabuleiro e o Oceano Atlântico, no município de Paulo Lopes-SC, onde um homem guia seu carro de boi conduzindo ramas de mandioca por uma estrada de terra. Ali perto, três mulheres trabalham arduamente no preparo de derivados da farinha de mandioca, usando as instalações de um antigo engenho. O lugar chama-se Três Barras.

Lá estão as irmãs Inácia do Nascimento da Silva, 58 anos (casada com Ademir Paulo da Silva), Maura do Nascimento Moura, 51 anos (casada com Joaquim Manoel Moura) e a mais nova, Vilma Norberta do Nascimento Gonçalves, 47 (casada com Pedro Gonçalves). O perfume que se espalha pelas imediações vem do biju (doce, salgado e de polvilho), do cuscuz com e sem amendoim e da cobiçada bijajica ou mané pança.

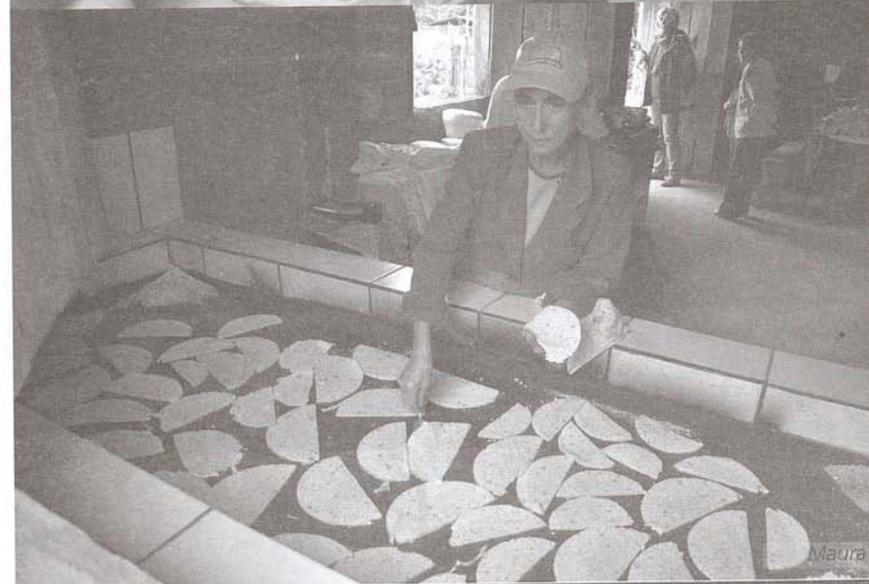
O engenho pertenceu ao pai delas, o falecido Ricardo Genésio Nascimento, funcionando regularmente até a década de 1990. A viúva, dona Norberta Souza do Nascimento, 84 anos, mãe de nove filhos – cinco mulheres e quatro homens – lembra que todos foram criados com a atividade do engenho. Além disso, plantavam fumo, “feijão para o gasto”, milho e mandioca. “Fui criada na lavoura.”

Naquele tempo havia o capote e cantavam a ratoeira. Em duas horas raspavam 20 a 25 balaies de mandioca, chegando a produzir oito sacos de farinha por dia. “Raspava à noite para de madrugada começar a fornear”, conta. Os filhos viveram o auge e a decadência da atividade tradicional desses descendentes dos imigrantes açorianos chegados à Santa Catarina entre 1748 e 1756, baseada na lavoura, em engenhos e, em menor escala, na pesca.

Atualmente os filhos e os maridos das filhas são empregados na construção civil e vigilância em outros municípios. Cansadas de ficar em casa sem a antiga ocupação, Inácia, Maura e Vilma decidiram reativar o antigo engenho, quase abandonado, usando as habilidades na elaboração dos derivados da farinha de mandioca. Tiveram o apoio do Projeto Microbacias 2 (Epagri) e do Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (Cepagro).



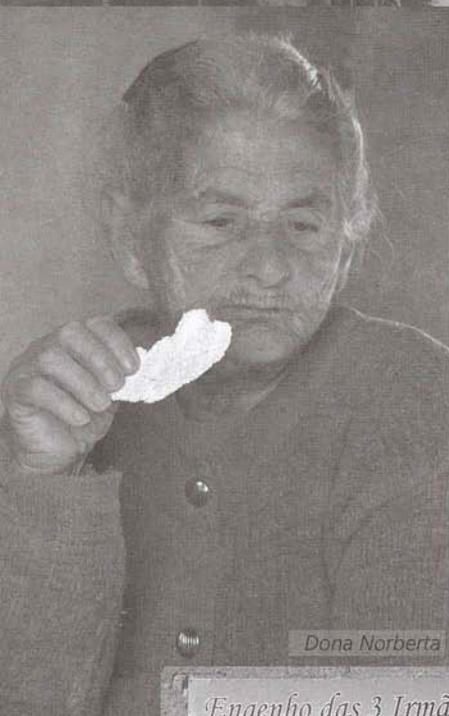
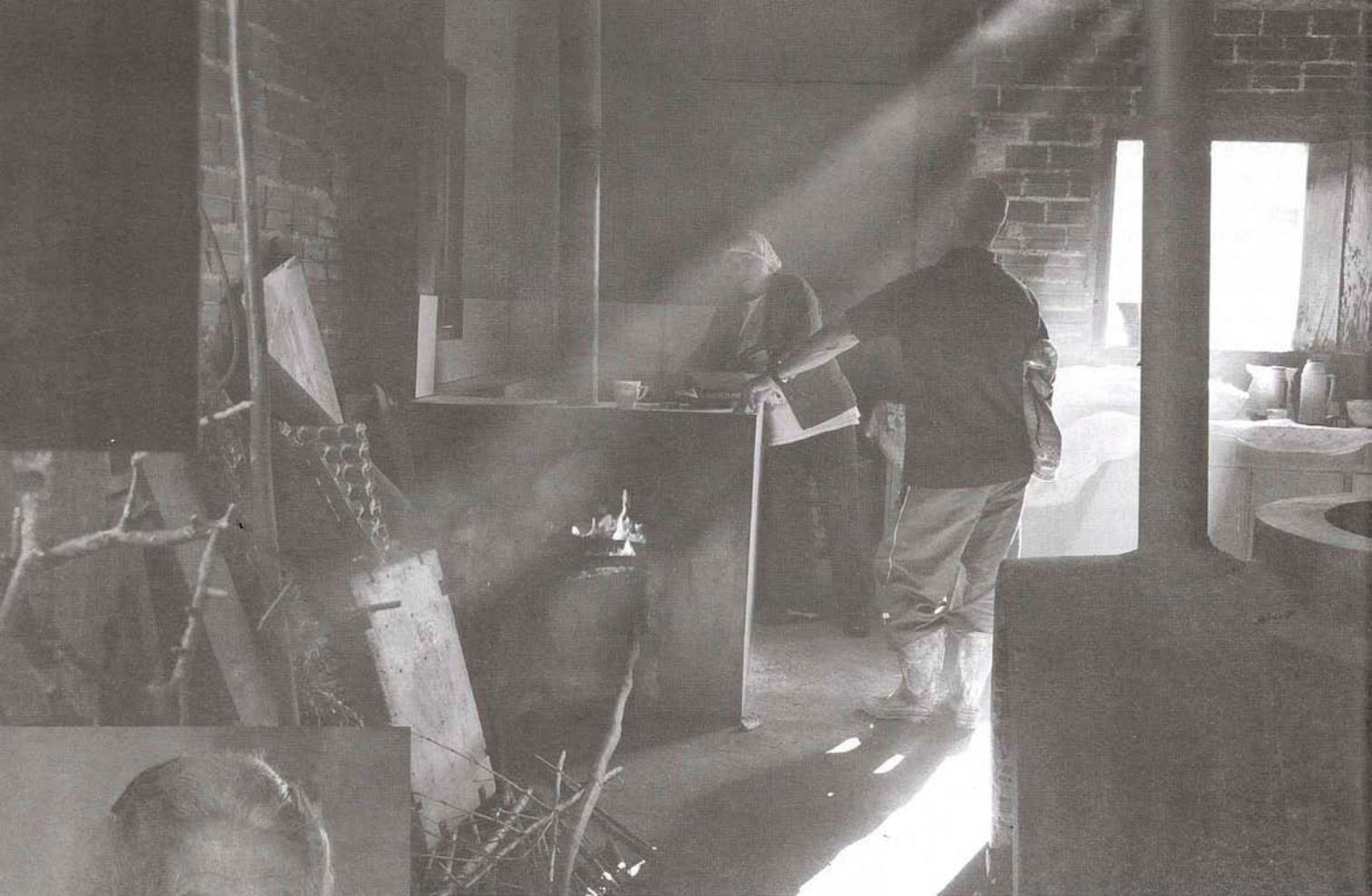
Inácia



Maura



Vilma



Dona Norberta

Renda extra com a tradição

O velho engenho ganhou nova vida. Além do biju, do cuscuz e da bijajica, atrai as crianças da família, serve de espaço para refeições e, no inverno, aquece os presentes, tornando-se o centro da convivência social. Dona Norberta acompanha as filhas, ajuda a cuidar dos netos e, sempre que pode, confecciona seus chapéus com folhas de butiazeiros.

O trabalho no engenho é cheio de cuidados apreendidos no dia-a-dia da atividade familiar, desde criança, incorporados e assimilados sem grande esforço. Integra o universo da chamada sabedoria popular. O calor do forno, por exemplo, é um dos segredos do bom produto. "Na mão a gente sabe se vai queimar ou não", diz Inácia, enquanto aquece e vira o biju, que precisa ser forneado duas vezes – a primeira vez cozinha e a segunda torra.

Para o plantio da mandioca elas pagam um operador do trator que revira o terreno, depois colocam as ramas com cuidado nas covas, cobrindo parcialmente com terra. Precisam manter a área limpa do mato que sempre cresce. Quando chega a hora da colheita e o serviço fica apertado, apelam para a ajuda dos maridos e filhos. As iguarias originadas da farinha de mandioca são comercializadas diretamente no engenho, em comércios das imediações, feiras e eventos feitos através da Rede Ecovida de Agroecologia/Cepagro.



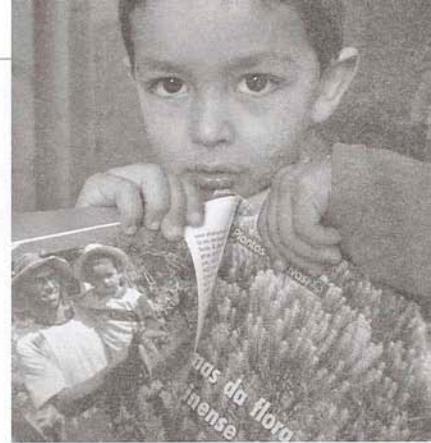
Iogurte e queijo fresco

Fabiana Neide de Souza, filha de pescadores e casada com Jannes Manoel Prudêncio, nasceu na Guarda do Embaú, onde a família tinha uma vaca de leite, mas não fazia queijo. Ela aprendeu os segredos do ofício recentemente, através do grupo de Palhoça da Rede Ecovida. Com oito litros de leite ela faz um quilo de queijo. "O leite mais gorduroso é o melhor", explica. Faz queijos Minas e Colonial.

Atualmente conta com duas vacas da raça Jersey, ordenhadas pela manhã (8 litros) e à

tarde (7 litros). Ela acorda pouco depois das 6 horas e prepara o café da manhã enquanto o marido e o sogro ordenham as vacas. Depois disso começa a atividade diária. Os queijos que produz são levados rapidamente. Também faz iogurte natural para consumo da casa, mas, quando sobra leite, faz para vender na feira.

Seu filho, Maicon, acompanha as atividades, está sempre no engenho da bisavó Norberta, a poucos metros, e cuida do bezerro "Pica-Pau".

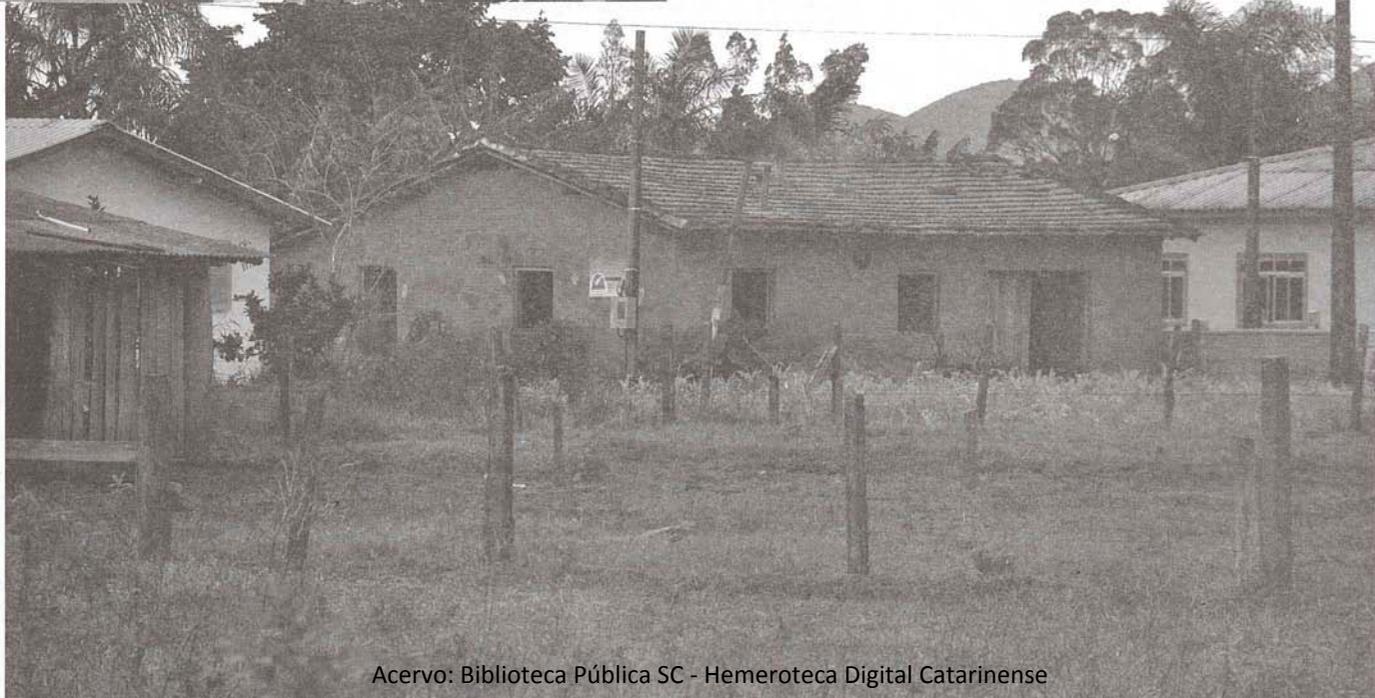


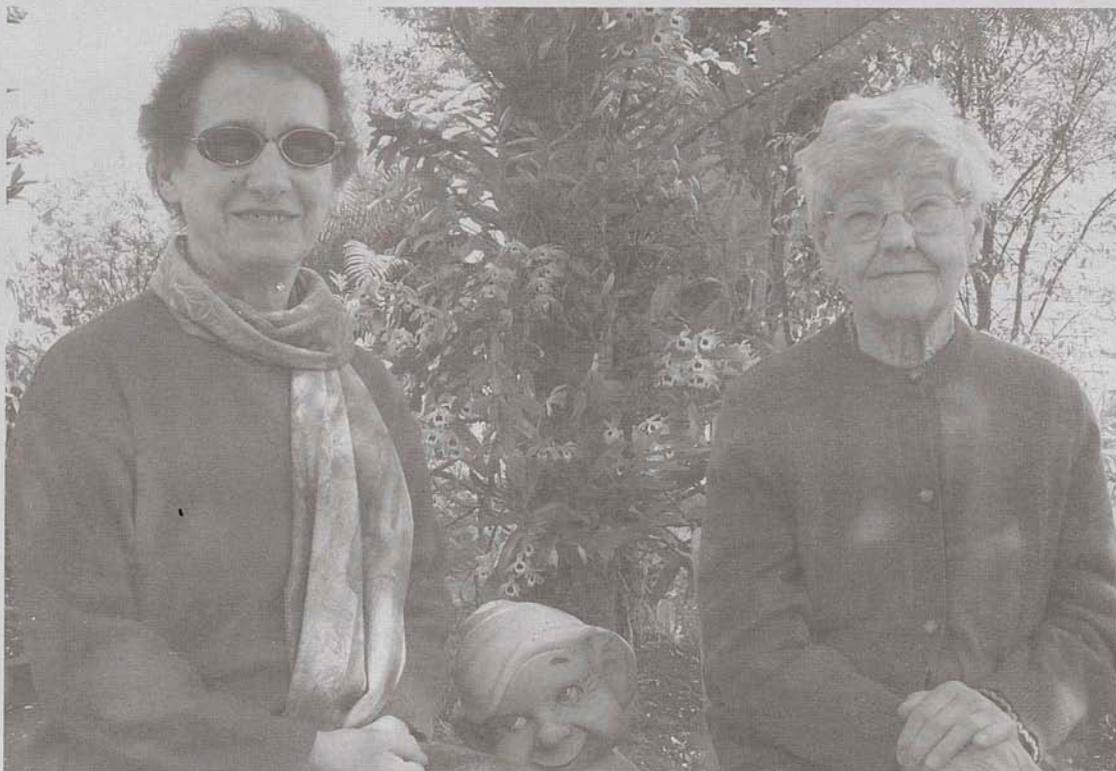
Maicon

Tecendo esperanças

Leoni Martins Barreiros faz cachecóis, faixas para cabelos, cortinas e tapetes. Ela e a filha Valdinete estiveram entre as 189 mulheres da região da Grande Florianópolis que fizeram um curso de tear através da Rede Economia Solidária. "Vendo como arte", diz ela, presente toda quarta e sexta-feira na feira promovida pela Associação dos Artesãos da Palhoça.

Outras mulheres da localidade de Três Barras (Paulo Lopes-SC) também se habilitaram à atividade através do curso, ampliando as rendas de suas famílias. Como as irmãs que fabricam biju, cuscuz e outras iguarias, e Fabiana, com seus queijos e iogurtes.





Eluci, a Nena, e tia Cide, que levou seus olhos azuis de mar calmo para ver outros Jardins

*As flores, as flores
que ali vivi! Flores
que a vista traduzia
para seus nomes,
conhecendo-as, e
cujo perfume a alma
colhia, não nelas mas
na melodia dos seus
nomes... Flores cujos
nomes eram repetidos
em sequência, or-
questras de perfumes
sonoros... Árvores cuja
volúpia verde punha
sombra e frescor no
como eram chama-
das... Frutos cujo
nome era um cravar
de dentes na alma da
sua polpa... Sombras
que eram relíquias de
outroras felizes...*

**Fernando Pessoa,
Livro do Desassossego**

A semeadora

**Texto e fotos: Míriam Santini de Abreu,
de Caxias do Sul (RS)**

*Texto dedicado também às filhas e
cuidadoras de minha tia, Rosita e Maria, que
herdaram dela o ser mulher, casa e jardim.*

Agosto levou a semeadora. Quase na primavera, aos 95 anos, partiu minha tia Cide, uma das irmãs de minha avó materna, Antônia. Mas assim como partiu, assim também ficou, porque semeou-se de todas as formas pelas quais um ser humano pode brotar. Ela era mulher, casa e jardim.

Miúda, clara, uns olhos azuis de mar calmo, misturava palavras em português e dialeto vênето, uma variante da língua falada no norte da Itália. Tocava nas pessoas de um modo delicado, assim como tocava nas coisas. E agora, ao lembrar de seu toque, revivo a tempestade que me varre quando visito a casa dela, no Centro de Caxias do Sul.

Gosto de pensar que as casas, assim como a alma, têm salões iluminados, corredores sombrios, cantos onde a gente teme entrar. A pedra e a madeira de que são feitas também têm alma. As casas são seres vivos. Elas nascem, crescem,

envelhecem e morrem. As casas rangem, mudam de humor se está frio ou quente. As portas vergam, se expandem; as maçanetas enferrujam, o reboco se esfarela. As casas têm espírito.

Assim é o porão da casa de tia Cide, que fásínio! Ali estão objetos de um outro tempo, espessos de história. O paineliro de ferro, o lampião, a prateleira repleta de caixas e vidros com pregos, parafusos, estranhos óleos, uma bola de gude azul, ferramentas de carpintaria. Todos instrumentos de José Alberti, o italiano de Vicenza que tia Cide esposou e com quem teve três filhas.

No primeiro andar da casa, minhas retinas se enamoram da antiga máquina de costura com florezinhas coloridas pintadas no ferro, e também da cristaleira onde brincam os pequenos cisnes, pássaros e veados de vidro ou de porcela-

na. Eu amava, com especial ardor, uma antiga foto que capturou a imagem dos ancestrais vindos da Itália, entre elas minha bisavó Maria. Essa foto agora tenho comigo, presente de Rosita, uma das três filhas de tia Cide, para minha mãe.

Se menciono aquela casa é porque não a descolo de quem foi aquela mulher, batizada Egida Giordano Alberti, fruto de uma família de 11 filhos e a quem foi ofertado quase um século de vida. Eram ela, a casa e o jardim. Ali, nos canteiros atrás da casa, parece que a terra que fecunda flores e frutos também é parte de mim, porque naquele solo eram as mãos feiticeiras de tia Cide que espalhavam as sementes. Para aquele jardim eu fiz um poema:

*"A parreira de uns 70 anos,
a delicada Santa da Pedra e da Concha, com o
manto branco manchado de azul,
a pastora em sua infundável labutação,
as ripinhas empilhadas, braseiro ardente no fogão
a lenha, calor de inverno;
a concha lascada, ferrugem de umidade,
o anão manhoso, desejoso de virar um Saci.
Ah, que santo amor tenho eu por esse Jardim!"*

A memória da mulher que também era casa e jardim, nos seus últimos anos, lhe pregava peças. Tia Cide estava acamada há meses. Minha mãe Eluci, uma de suas cuidadoras, contou-me que a tia falava muito sozinha, e chamava, como se na casa ainda vivesse, o falecido tio José. Às vezes olhava para a própria foto, ainda jovem, os olhos e o sorriso cheios de doçura, e queria saber quem era aquela bela moça. Confundia-se ao identificar as pessoas. – Como está a Nena? Onde ela anda? – perguntava à minha mãe, cujo apelido é Nena. – Está muito bem, tia! – respondia a mãe.

Em certas manhãs e tardes a tia também insistia em calçar os sapatos e "ir para casa". Houve um dia em que ela começou a chorar, pediu à minha mãe que lhe desse um beijo e mansamente implorou: - Me leva pra tua casa, que estou cansada de ficar aqui!

Na sexta-feira que foi véspera da madrugada em que tia Cide percorreu o caminho para habitar outros Jardins, ela mais uma vez perguntou: - Onde estão os meus sapatos?

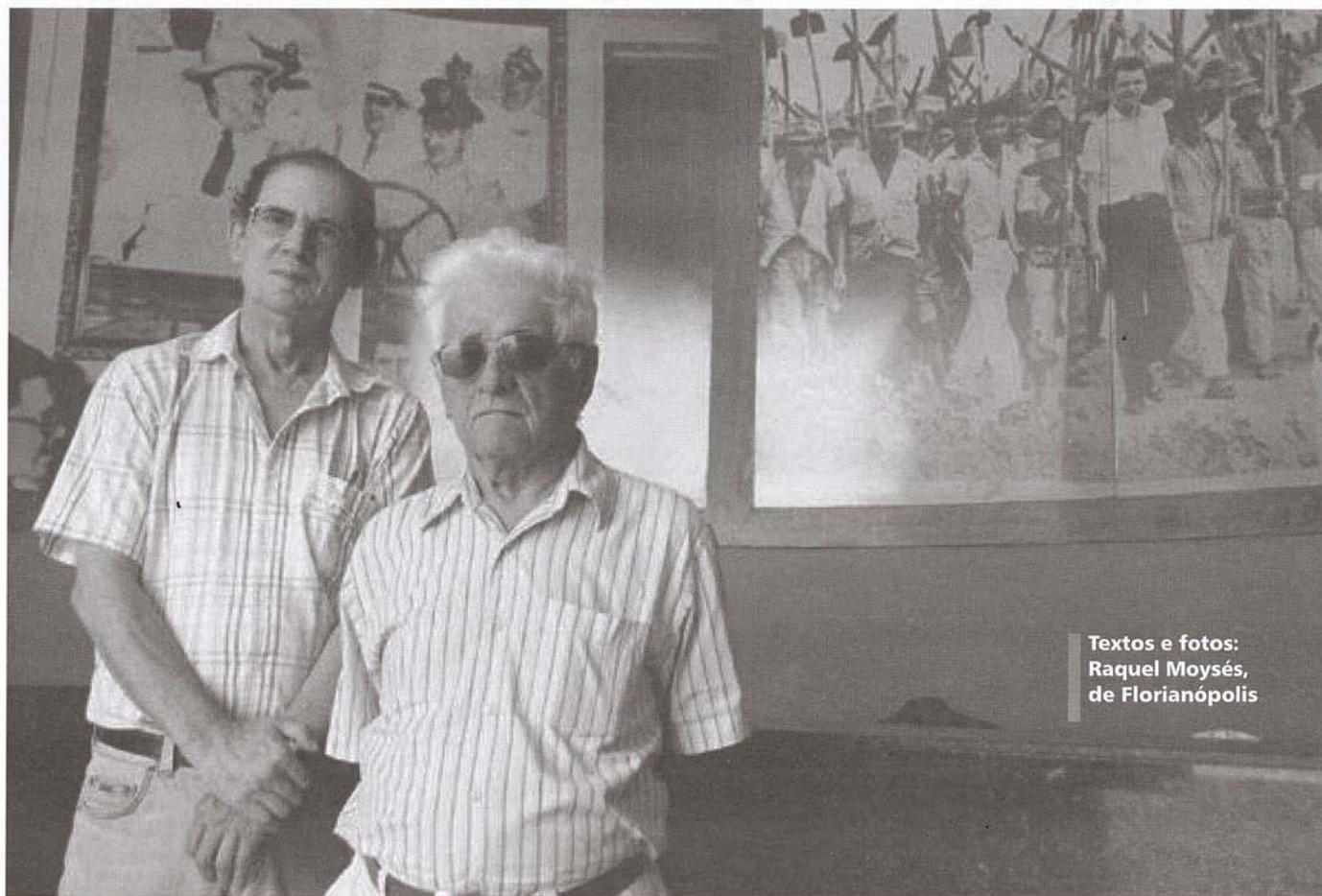
Sei que onde quer que tenha chegado, tia Cide certamente terá dito, como está em Salmos, 40: "Eis, aqui estou, no rolo do livro está escrito a meu respeito".



Veja o jardim
citado no poema
na página da
P&N no You
Tube, [www.
youtube.com/
pobresnojentas](http://www.youtube.com/pobresnojentas)



O jardim com a santa da gruta



Textos e fotos:
Raquel Moysés,
de Florianópolis

...e lá fora se falava em liberdade

Revelações de quem veio ao mundo ensinar o que é integridade

Faltam menos de dez anos para ele chegar a um século. Mas a vida de nove décadas completadas dia 1º de março não faz de Raimundo Ubirajara de Macedo um velho. Porque o tempo que se conta em dias não pesa no espírito de Bira, que exala ternura e caminha pelo mundo com a leveza de um menino feliz. Encantado pela vida, ser humano capaz de gestos poéticos, embora se confesse "só ocasionalmente um poeta", ele soube anular a dureza do que enfrentou no encaicho de sobreviver aos carcereiros da liberdade, nos anos de chumbo da ditadura.

Seu vulto frágil, a doçura entranhada na voz e nos lumes que cintilam no olhar, estão indelevelmente atados a reminiscências de meus dias juvenis, em que o jornalismo assinalava uma esperança em minha vida. Agora, vivente de dias maduros, me transporto no tempo e ainda vejo Patativa do Assaré, versejando seu canto de humanidade, sob o luar em que resplandeciam palmeiras cintilantes de luz. Foi ali, no início dos anos 80, que, com Bira - mais um punhado de jornalistas de várias partes do Brasil, reunidos em congresso - vivi instantes de encantamento. A nos conduzir na viagem noturna, era Patativa, cantador nascido do povo, que veio ao mundo ensinar que para ser poeta não precisa ser professor:

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

'Basta, no mês de maio, recolher um poema em cada flor brotada nas árvores do seu sertão'

E foi naqueles dias, em Caucaia, nos arredores de Fortaleza, que eu e Bira nos tornamos amigos. Uma amizade vivida na distância que separava sua "pequena, porém decente Natal", das estradas que me foram levando por outras paragens do mundo.

Ainda me recordo do generoso hospedeiro que nos recebeu em sua casa. Sem que eu e meu irmão pudéssemos evitar, Bira ofereceu seu próprio quarto, na acolhedora casa de Ponta Negra, aos dois novos amigos chegados do sul. Tempos depois, abrigou de novo meu irmão e sua jovem esposa, que faziam mestrado na capital potiguar. Imensuráveis delicadezas que revelam a humanidade desse homem que, outra amiga jornalista, Thais Marques, apresentaria, no livro "No outono da memória", como um ser que brotou do solo macaibense "para ensinar ao mundo o que é integridade."

E foi a integridade que permitiu a Bira enfrentar com firmeza as perseguições e a prisão nos anos de terror da ditadura militar. Trabalhador público nos Correios e jornalista da estirpe dos nacionalistas, ele foi delatado, acusado de "comunista", e amargou o cárcere durante 11 meses, além de outros dois anos de prisão domiciliar.

São esses tempos de horror que ele narra, em fatos e personagens, em duas obras autobiográficas. A primeira, "...e lá fora se falava em liberdade", foi escrita de própria pena aos 80 anos de idade. A segunda, "No outono da memória", veio à luz no dia em que completou 90 anos. Nela, narrada através do jornalista e escritor Nelson Patriota - a quem, convaléscente de longa enfermidade, confiou sua história - Bira se conta, contando o seu tempo.

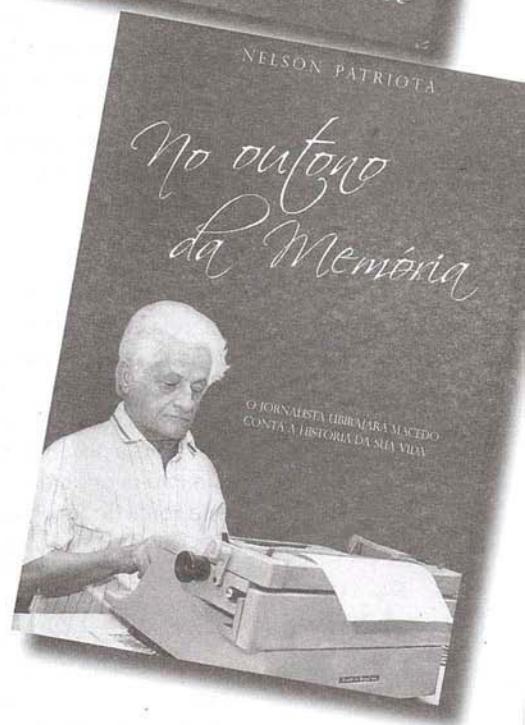
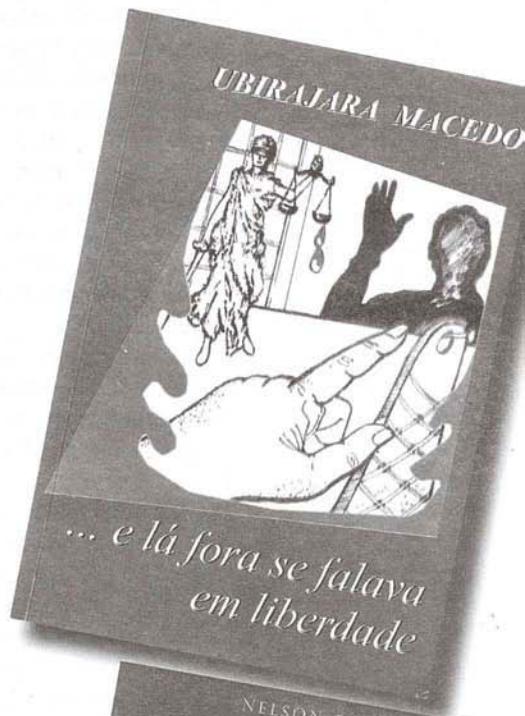
No livro "...e lá fora se falava liberdade" traz lampejos da própria história, entremeados de personagens que se vão enredando na trama de sua já tão longa vida. Na apresentação lembra que, da cela, ouvira vozes vindas de alto-falantes postados na avenida fronteira ao 16º Batalhão de Infantaria, em Natal: "Venham todos hoje, às 16 horas, em frente à catedral, para agradecer a Deus por ter nos livrado do comunismo e nos dado a liberdade". E então, disse para si mesmo: "... eu aqui preso, o povo brasileiro debaixo de uma ditadura fascista, sofrendo horrores, e esses homens falando em liberdade..."

Naquele longínquo 7 de abril de 1964, fazia uma semana que o Brasil entrara no inferno da ditadura, após o golpe militar. O pretexto de sua prisão foi de que seria um dos perigosos comunistas que atentavam contra a "segurança nacional". As "ações subversivas" eram as de um jornalista engajado na campanha "O Petróleo é Nosso", uma das bandeiras que desfraldara em suas "Crônicas Nacionalistas", no jornal Folha da Tarde. Ubirajara Macedo, como lembra o jornal Tribuna do Norte, em que também foi editor, foi preso pelo mesmo ideal que movia o poeta paraibano Zé da Luz: "um Brasil brasileiro, sem mistura de estrangeiro, um Brasil nacional".

Moacyr de Góes define Bira como homem de "um tempo no qual a indignação era uma virtude cívica". Um dos grandes nomes da vida pública potiguar, o educador que implantou em Natal o revolucionário programa "De pé no chão também se aprende a ler", em 1964, acertou também ao definir "...e lá fora se falava em liberdade" como um livro de punho cerrado no ar, em protesto. "É um livro de arqueologia, pois traz para a luz do dia expressões já sepultadas na memória como Bob Fields (Roberto Campos) e lacaios do imperialismo", demarca, em seu prefácio.

É também Góes a dizer que, na segunda metade de 1950 e na primeira dos

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



anos 60, “nenhum jornalista de Natal foi mais corajoso, mais bravo e provocador do que Bira em sua Coluna Nacionalista. Com seus textos, ele denunciava os crimes de lesa-pátria, defendia uma política nacionalista e desvelava os porões de políticas miúdas e graúdas. Góes afirma que o golpe de 64 não poderia conviver com a escrita de homens como Bira, e por isso o arbítrio atuou com sua prisão, no seu outro local de trabalho, os Correios, “então reduto de nacionalistas mas também covil de dedos-duros”.

Calidoscópico, o livro fala de prisões, exílios e perseguições. De denúncias de pequenos dedos-duros e de grandes vendilhões da pátria, de questões políticas e de nacionalismo. Mas, o que há de belo na narrativa de Bira, é que ele dá a conhecer a fraternidade que predominava entre os prisioneiros, a discussão que faziam da história, da política, da economia, da ética, da cultura.

“Eu era o mais velho do grupo. Já estava com cinquenta e poucos anos. Um militar me chamou para dizer que ficara impressionado por eu estar ali, sugerindo que um homem daquela idade estaria acima de qualquer suspeita. Foi quando eu disse a ele: ‘os canalhas também envelhecem’. Estava me referindo a ele, que também tinha os cabelos brancos”.

Moacyr de Góes, ao falar dos cinco meses em que conviveu com o companheiro de cela, lembra que Bira recitava versos de Bandeira: Mas, por que tanto sofrimento, se meu pensamento é livre na noite?

E Bira soube exercer a liberdade como poucos. Após a prisão e os cinco anos de “exílio” em São Paulo, onde trabalhou na rádio Piratininga e na Folha de São Paulo, retorna, já aposentado dos Correios, à sua Natal, em 1972. Ali, retoma o jornalismo, inicialmente nos Cadernos do RN, e, depois, no Diário de Natal, por 17 anos. Nunca abandona o tema que o levava aos porões da ditadura: o nacionalismo. É por esse prisma que é premiado, em 1983, pela reportagem “Petrobras, última barreira de uma soberania ameaçada”.

Só em 1987 se aposenta como jornalista, tendo também atuado como juiz classista e na diretoria de seu sindicato profissional. Bira participou também ativamente da Coopera-

tiva dos Jornalistas de Natal, a Coojornat. A experiência não resistiu à crise, mas marcou época. Ele lembra: “Imprimimos jornais como o ‘Salário Mínimo’, veículo que fez um verdadeiro rebuliço no meio empresarial pelas matérias-denúncia que produzimos”.

Em “No outono da memória”, Nelson Patriota, seu alter ego no livro, lembra que o núcleo originário de sua longa expansão vital se localiza no município de Macaíba, onde, na verdade, a família nunca morou, pois o pai preferia residir nas fazendas onde exercia o papel de professor itinerante. Aluno da poeta Auta de Souza, era Bira que, para estudar, passava de segunda a sexta na cidade, na casa da avó Ana. É de lá, sua Macaíba natal que, no outono da memória, ele sai em busca de uma última lição de dona Olímpia, sua mestra de coisas campestres, se detém em versos de Bilac, focaliza o vulto do doutor Ubirajara Ferreira, dentista amante de música clássica a qual compartilhava, em casa, com os alunos de Olímpia, sua esposa.

As recordações de Bira se demoram em figuras que protagonizaram papéis fundadores, como o pai, Antônio, e a mãe, Alice, aos quais deve a sólida formação cristã. Suas reminiscências trazem à luz homens rudes do agreste, assim com párocos, migrantes, refugiados políticos. Depois, já arraigadas em Natal, suas recordações reavivam figuras com as quais conviveu no Ateneu Norte-rio-grandense, a universidade de que Natal podia dispor em 1935, e onde o estudante pôde conviver com professores como Luís Câmara Cascudo, respeitado pesquisador do folclore e da etnografia do país.

Nos anos outonais, Bira mantém viva a alegria de viver, fazendo parte de outro belo projeto artístico, a criação do Clube dos Amantes da Boa Música, presença viva na história cultural da cidade. As testemunhas e protagonistas de sua vida e seus afetos familiares estão todos nos livros que escreveu, assim como os amigos, numerosos e fecundos, a quem nunca destinou o papel de coadjuvantes.

E é em tributo a sua capacidade infinita de amar, que retorno ainda àquela noite plena da luz de Caucaia, reatando os laços com Bira que, como Patativa do Assaré, aprendeu, sem nunca renunciar à ternura, que “para ser poeta de vera é preciso ter sofrimento”.

Uma menina de 80

Para minha tia Zaira

Eu nunca a tinha visto e ela era já era uma lenda. Nas conversas de família sempre havia uma palavra bonita sobre ela. Sua disposição, sua alegria e sua absoluta entrega ao outro. A primeira vez que a vi estávamos chegando, feito retirantes, a uma enorme cidade, perdidos de tudo o que já tivéramos. Trazíamos algumas malas, e uma caixa grande que continha a máquina de costura da minha mãe. Era tudo o que nos havia sobrado. E ali estava ela, na plataforma, com a bolsa apertada ao peito. De braços abertos nos recebeu, uns desconhecidos.

Com o calor de uma mãe nos acolheu.

Dias depois partimos em direção ao não-sabido e lá estava ela, de novo, na plataforma, com outras tantas caixas, de camas, colchões e até um sofá. Dividia conosco o que tinha, tal qual ensinara Jesus. Nos anos que se seguiram foi presença constante. Abriu sua casa para que eu pudesse estudar, ajudou meu pai a seguir estudando, cuidou da minha mãe quando ela esteve à morte. Feito uma fada, ela nunca faltou. Dos seus lábios fininhos nunca saiu uma reclamação. Sempre otimista,

encontra saídas mesmo onde impera a maior escuridão.

Criou seus filhos assim, numa azáfama, buscando coisas boas, inventando caminhos. Ama o seu marido com um amor juvenil, sempre renovado. Nunca se perdeu no tempo, encontra sempre um jeito de estar em dia com as coisas do mundo. Sabe o que acontece em todo lugar, tem palavra de conforto para quem sofre, tem um sorriso para quem precisa. Foi assim comigo, quando parti de Minas em busca de um velho

sonho. Sem poder me deter, ela me deu um livro do Lauro Trevisan, para que eu nunca esquecesse o poder da mente positiva. Tudo haveria de dar certo. E deu!

Agora, dia desses, ela me disse que estava por fazer 80 anos e eu me surpreendi. A mulher que tenho nas retinas é quase uma menina, porque seu rosto reflete a face desta busca incessante da alegria. Hoje, metida na internet, conectada com a modernidade, ela segue espalhando gotas de esperança por onde quer que passe. Seu nome é Zaira, nome árabe, sonoro, forte como ela. Seu corpo tem a forma do cosmos, regaço materno, espaço de comunhão. Seu riso tem o som cristalino da água pura e sua força contamina todos os espaços. Vai fazer 80 anos e nem percebeu. "Eu ando muito ocupada", diz. E assim é. A Zaira é como uma abelha, a espalhar o pólen das coisas boas. Não tem tempo para ver o tempo passando...

E eu a amo muito, com o maior amor deste mundo, porque nunca esquecerei aquele rosto amigo que assomou na estação quando tudo o que tínhamos era o medo do desconhecido. Ela chegou, e tudo clareou!

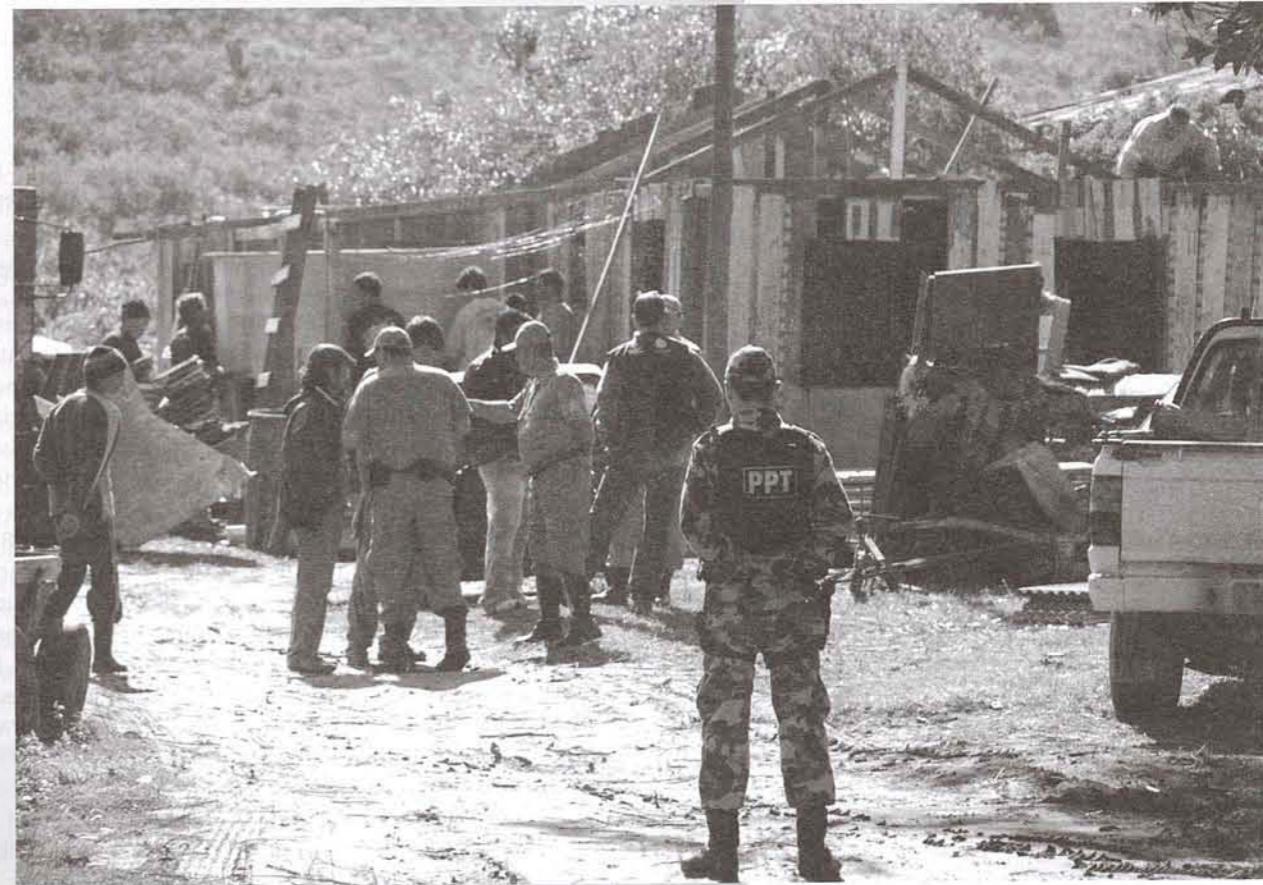
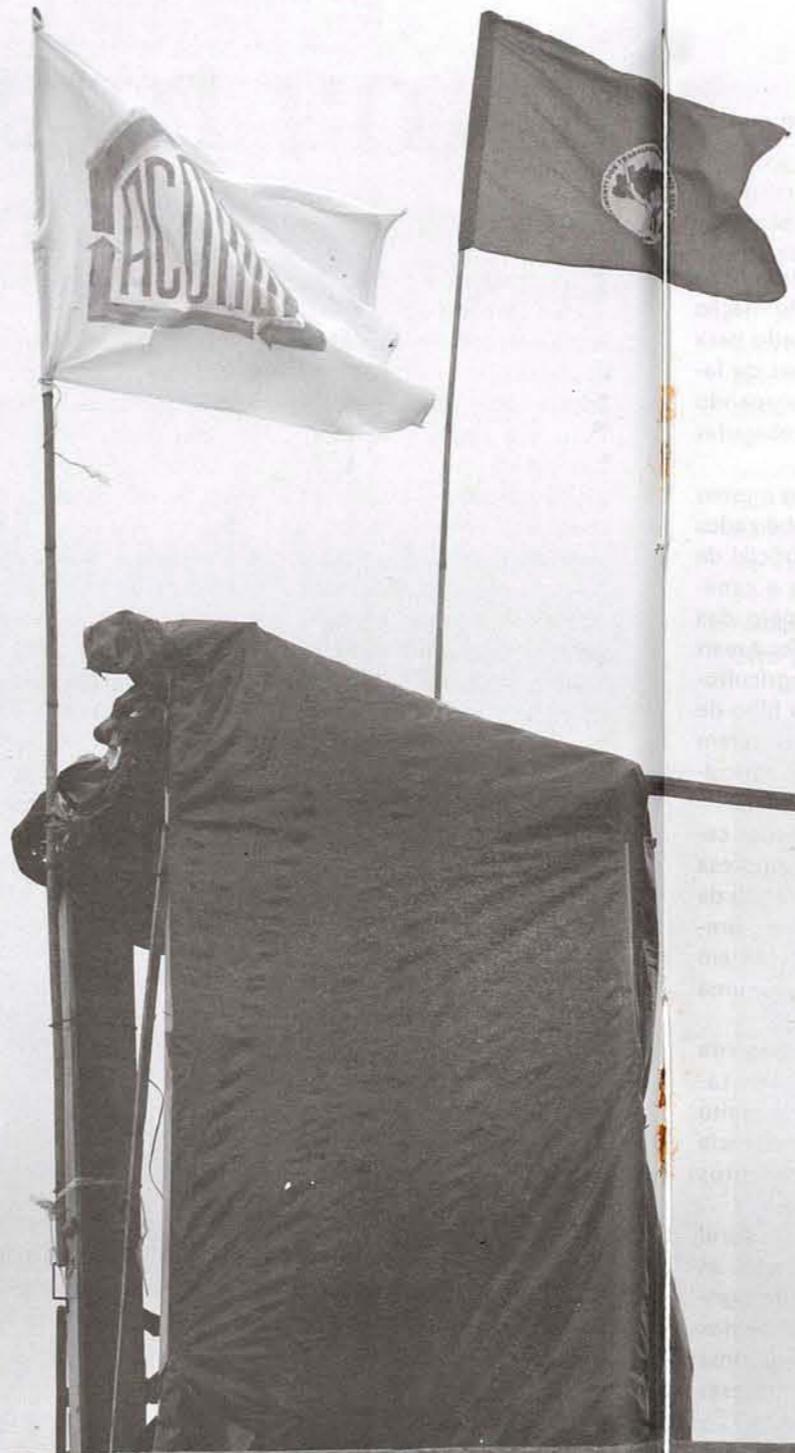
Que venham outros 80, amada! E que sejam bons...

**Texto: Elaine Tavares,
de Florianópolis**

Resistência garante terras a comunidades tradicionais

Texto: Rui Fernando da Silva Neto
Fotos: Pepe Pereira dos Santos*,
de Imbituba (SC)

Em Imbituba, projeto despeja
população com atos condenados
por Ministério Público Federal,
Ministério do Meio Ambiente e
Comissão de Direitos Humanos



*Pepe Pereira dos Santos é diretor cinematográfico do filme *Sul em Movimento*, em fase de produção, que tem como um dos temas os conflitos de terras nos *Areais da Ribanceira Imbituba*. Entre seus últimos trabalhos estão: o programa *A Hora do Mané* (2009, TV Cultura); making-of e vinhetas do 10º Festival Audiovisual do Mercosul (FAM); o DVD do Grupo *Gente da Terra* (Aldeia Catarina); o making-of do longa-metragem *A antropóloga* (2010, Zeca Pires); e os documentários *Marchar é preciso* (2005, MST); *El-dorado dos Carajás* (2006, MST); *Nos passos da história* (2009); *Trabalhadores do Mar e Sul em Movimento*, ambos em fase de finalização; e *De um golpe, Honduras* (2010). contrapepe@hotmail.com

Imbituba é uma cidade do sul catarinense privilegiada por ter 30km de praias, receber visitas de baleias e ainda contar com uma rede de lagoas interligadas que abastecem de água doce e camarão toda sua população. As vicissitudes da natureza na região, que hoje se difundem pelo turismo, são conhecidas dos povos autóctones há milhares de anos. Prova disso são os sambaquis que ainda resistem no município, assim como as comunidades que mantêm vivas as culturas da mandioca e da pesca, mas que estão ameaçados de extinção. Ameaçados pelo projeto burguês que expulsa populações tradicionais ou de trabalhadores pobres e degrada o meio ambiente.

Para Imbituba o projeto das classes dominantes é se aproveitar do porto de grandes cargueiros na cidade e explorar o saque dos minérios e outras riquezas do Brasil. Projetam parque industrial, galpões de estoque, grandes corredores de serviço e tudo quanto for necessário para continuar neste saque incessante a Pindorama que já ultrapassa os 500 anos. Isto é Brasil. Isto é Imbituba. Isto é dominação de classe!

A cidade já sofreu com a chamada Indústria Carboquímica Catarinense, que deixava uma fuligem vermelha cancerígena por toda região e que deixou dezenas de trabalhadores com câncer. Os trabalhadores de Imbituba também já foram humilhados por uma indústria cerâmica que faliu em 2009 e não pagou os direitos a ninguém. Generosidade e solidariedade com os imbitubenses têm mesmo a natureza e os Movimentos Sociais. A natureza por manter as condições básicas para a vida plena. E os Movimentos por lutarem junto às comunidades

de Imbituba para resistirem na luta pela vida plena.

O Despejo

Para avançar com seu projeto os capitalistas utilizam a desinformação e todos os poderes do Estado para passar por cima de centenas de famílias que viviam em paz ocupando e trabalhando terras tão cobiçadas pelo sistema capitalista.

No dia 28 de julho, antes mesmo do sol nascer, estavam mobilizados 70 policiais militares, um oficial de justiça, capangas, tratores e caminhões para iniciar o despejo das Comunidades Tradicionais dos Areais da Ribanceira. O casal de agricultores Antero e Aurina, com o filho de 15 anos, foram os primeiros a serem despejados. Depois ainda os agricultores Valentim, Zé Farias e Nem.

No lugar onde estavam suas casas, criações e plantações a empresa de terraplanagem se encarregou de não deixar um pé de árvore. Simplesmente acabou com a vida em 17 hectares e pretende instalar uma fábrica de cimento no lugar.

A ordem de despejo conseguida com uma juíza da vara federal em Laguna pretende destruir ainda muito mais vidas. Mas encontra resistência da população e dos Movimentos Sociais. Isto é luta de classes!

O Ministério Público Federal também defende as terras para as Comunidades Tradicionais de agricultores e pescadores artesanais dos Areais da Ribanceira e ajuizou uma ação civil pública contra as empresas que despejam as Comunidades.

Segundo a matéria produzida pela assessoria de comunicação do MPF/SC "as terras das comunidades dos Areais da Ribanceira abrangem



***Também assista vídeos,
leia textos e veja fotos do
Movimento em Imbituba
pela internet em [www.
sulemmovimento.blogspot.com](http://www.sulemmovimento.blogspot.com)***

240 hectares e são ocupadas por cerca de 100 famílias de pequenos agricultores e pescadores, que têm nesse local sua história e seu modo de vida, e dele dependem para sua sobrevivência”.

A ação foi instaurada por motivos como compra irregular do imóvel, pelo relato da Comissão de direitos e garantias fundamentais de amparo à família e à mulher, da Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina, que visitou a população dos Areais da Ribanceira, de que “os membros da comunidade vinham sofrendo com diversos atentados aos direitos humanos, como perseguições, cárcere privado e tortura, destruição

de benfeitorias e impedimento de trabalhar na região”.

Ainda de acordo com a ação o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o Ministério do Meio Ambiente (MMA) estão conduzindo a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Areais da Ribanceira.

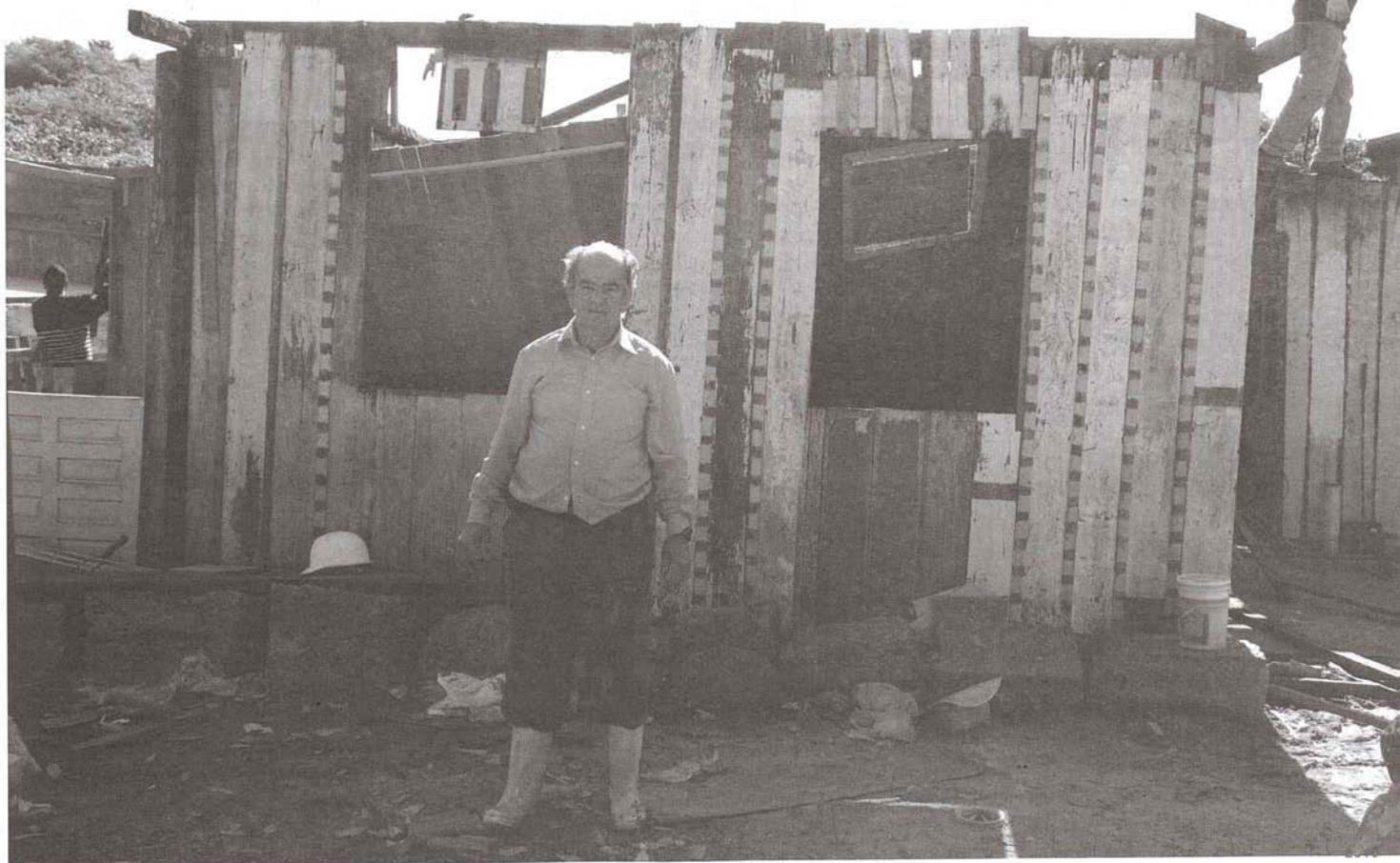
A Resistência

Mas como não dá para esperar por justiça neste país, restou aos trabalhadores e trabalhadoras se organizarem e resistirem. Até porque, a empresa, em posse de uma ordem de despejo, trabalha com a hipótese

do fato consumado. Ou seja, despejar todos antes que se concretizem ações que revertam a atual situação jurídica.

Por isso, há mais de cem dias a Associação Comunitária Rural de Imbituba (ACORDI), organização das comunidades tradicionais, o Movimento Sem Terra (MST) e apoiadores de sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras resistem vigilantes às arbitrariedades, plantando, colhendo e fazendo farinha de mandioca em seu engenho comunitário recentemente construído.

Venha à Imbituba você também tomar lado nesta trincheira e escrever a história de luta da classe trabalhadora!





Texto e fotos: Elaine Tavares,
de Atenas (Grécia)

Braços enganchados

Quando desci no aeroporto de Atenas/Grécia, na calorosa manhã do dia 7 de julho de 2010, já sabia que aquele país e a América Latina tinham ligações muito estreitas. Afinal, fora nele que se inspirara o libertador Simón Bolívar quando, em 1824, chamou o famoso Congresso Anfictiônico do Panamá, com o propósito de criar um grande bloco que unificasse toda a América hispânica, a Pátria Grande. Bolívar tentava fazer aqui o que haviam realizado os povos pan-helênicos da Grécia antiga, que juntavam 12 grandes cidades-estado para discutir e decidir sobre suas

vidas de maneira conjunta. Visionariamente, Bolívar queria fazer, nesta parte do mundo, o que a União Européia logrou, em parte, logo após a assinatura do Tratado de Maastrich, em 1992. Este acordo juntou, num primeiro momento, 12 estados-nação num único bloco chamado em princípio de Comunidade Econômica Européia. Era o início da época dos grandes blocos econômicos que mudariam, uma vez mais, a cara do capitalismo mundial. Assim, carregando essa linha de tempo, entre o mundo antigo, Bolívar e Papandreu, arribei na terra dos deuses, num momento em que a inclusão da Grécia na

agora chamada União Europeia (hoje com 27 países) cobrava do povo a exorbitante fatura.

No caminho para o hotel, o motorista do taxi, já bem familiarizado com a rota turística, avisou, pesaroso: “amanhã não haverá o que fazer. Teremos uma greve geral”. Ruim para os turistas, que sequer conseguiriam embarcar nos ferry-boats que fazem os caminhos do “azulêrrimo” mar Egeu, não para mim. Perguntei sobre a crise e ele respondeu que a coisa estava feia. “Os turistas estão indo para a Turquia, a vida lá está melhor”. Os taxis são presença absoluta em Atenas. Não passa um

minuto sem que algum assome pela rua. É que a cidade recebe diariamente milhares de turistas (50 milhões ao ano). E mesmo este serviço está sob o fogo do chamado “sacrifício” imposto pelo governo. As taxas foram aumentadas e mesmo com o reajuste da bandeirada, que passou de 2,90 euros para 3,90, o lucro diminuiu. A greve geral do dia 8 seria a sétima do ano e a cidade já vivia um clima de tensão. Uma olhada para a magnífica Acrópole seria suficiente para compreender o caráter do povo grego. No tempo dos deuses antigos, sua impiedade, insaciedade e crueldade levaram os homens a desafiá-los,

tirando-lhes para sempre o poder de decidir sobre suas vidas. Se naqueles dias os gregos disseram basta aos sacrifícios, porque, afinal, voltariam a fazê-los em nome de uma dívida que não contraíram? Será que os governantes do Partido Socialista (que atualmente governa a Grécia) não conheciam seu próprio povo? Estas eram as perguntas que me assaltavam pelas ruas da grande cidade de Atenas, que abriga cinco milhões de almas.

As causas da crise

A bancarrota do sistema fiscal grego

Não é coisa de agora, portanto, não brotou do nada. Ela é fruto de várias políticas que vieram se fortalecendo nos últimos 20 anos, na qual se inclui a entrada do país no âmbito do euro, e da tomada indiscriminada de empréstimos que levaram a uma dívida externa astronômica, hoje quase em 300 milhões de euros. Para os trabalhadores que lutam contra o pagamento desta dívida, o processo começou a pesar com a entrada de recursos para financiar as Olim-

piadas em 2004. Fazia quase 200 anos que a Grécia estava fora do circuito dos jogos que inventara antes de Cristo, e a histeria por realizar os jogos outra vez na sede original exigiu demasiado da população. Naquele período a Grécia investiu perto de nove bilhões de euros para a construção de novos estádios, reforma de outros e infraestrutura para acomodar atletas, imprensa e visitantes. A conversa que a população ouvia era de que estes recursos iriam

melhorar também o transporte público, a segurança, etc.. ou seja, a mesma cantilena de sempre, ou para ficarmos no âmbito grego, nada mais que "um canto de sereia". Todo este dinheiro foi dívida contraída e que agora começou a ser cobrada, gerando a crise. Para se ter ideia, em 2009 escoaram 41 milhões de euros só em pagamento de dívida.

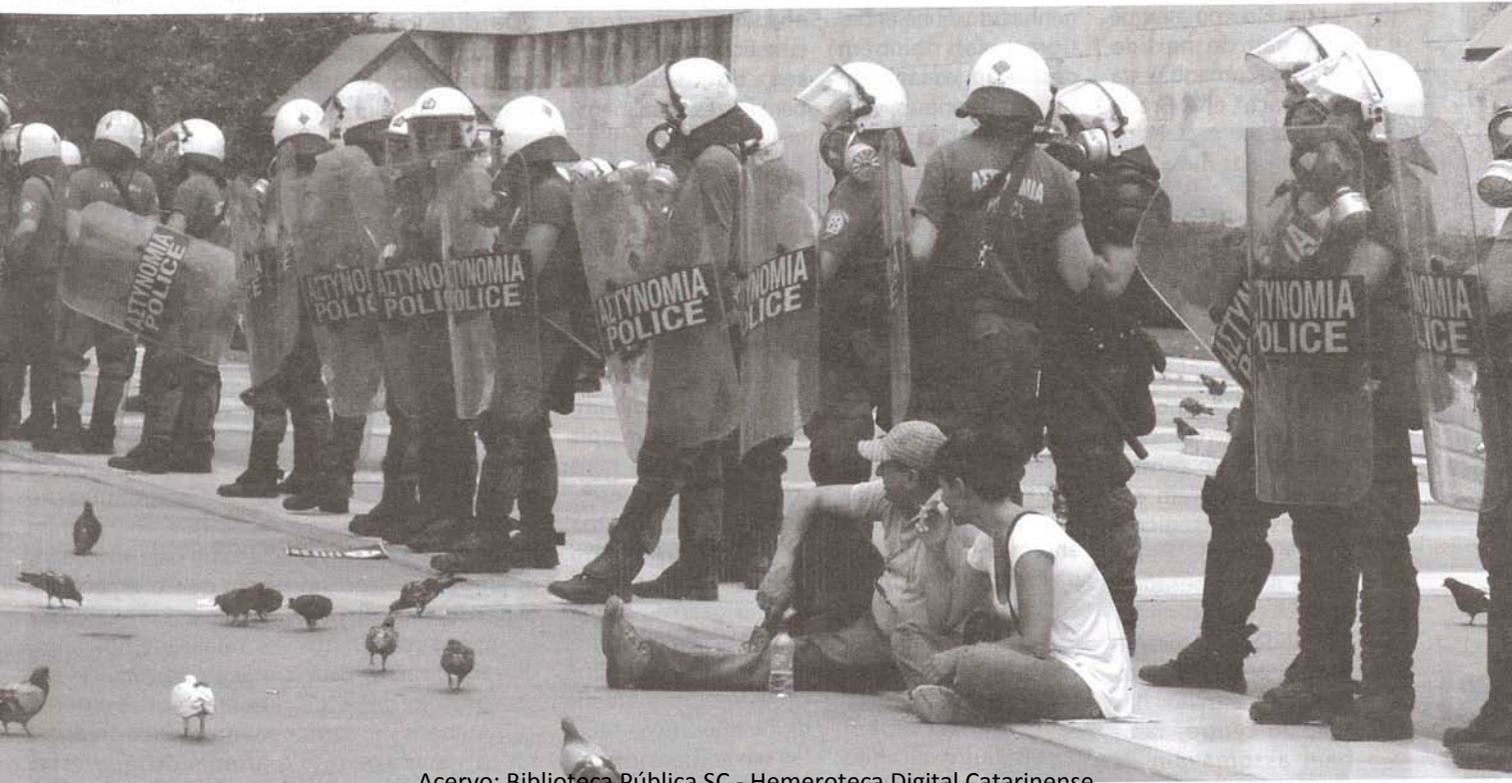
Para nós, latino-americanos, que convivemos desde há décadas com as agruras do pagamento de juros

da dívida, parece mais fácil compreender o mecanismo detonado na Grécia. Assim como aqui, o governo passou estes anos todos pagando apenas juros, sem conseguir avançar no principal. Com o aumento exponencial da dívida e a corrida dos credores para receber o que lhes é devido, o governo aplicou a mesma velha receita neoliberal. Corta na carne do povo, mas segue pagando a dívida. Na televisão, o discurso dos governantes é do sacrifício. "Para salvar

a Grécia, a população tem de dar sua cota". Mas, quando as dívidas foram feitas, a população não foi convidada ao banquete.

Não bastasse cortar o salário mínimo, diminuir o soldo dos funcionários públicos, aumentar a idade para aposentadoria, diminuir o valor das pensões, cortar gastos na educação, saúde, segurança etc... o governo grego propõe como saída para o desastre a contratação de mais um empréstimo, via FMI, o famigerado ban-

contra a cobiça capitalista



co responsável pelas medidas de ajuste em toda América Latina nos anos 80 e 90, que, bem comparando, são as mesmas aplicadas agora pela Grécia. Tudo é uma eterna repetição. Mas, como a mídia não contextualiza nada, isso não aparece em nenhum jornal ou TV. Assim, pede-se sacrifício ao povo para sustentar mais uma bola de neve de dívida sobre dívida, cujos euros sequer sairão dos países credores. É que a dívida da Grécia foi feita junto aos mesmos que agora emprestam, outra vez, mais de 100 milhões de euros com taxas de 5%, consideradas altíssimas. É um conto digno de uma tragédia grega. E a ironia é que o slogan do partido que hoje comanda esta "desgraça" é "A Grécia para os gregos". Nada mais fora de lugar.

A greve geral

No dia 8 de julho tudo parou em Atenas. Era dia de greve geral. Bem cedo já era possível observar o vae-vem dos soldados em várias ruas do centro. Eles se colocavam em lugares estratégicos, com escudos, bombas e armas pesadas, prontos para enfrentar a multidão. Da mesma forma, pelos mesmos caminhos estreitos das ruas do centro, também assomavam as

gentes. Muitos jovens, com bandeiras do partido comunista, mulheres e até crianças. Todas as veredas levavam ao centro nervoso da cidade, próximo à Sintagma, a praça do parlamento.

Pelo meio do povo, um homem velho arastava um enorme carro cheio de várias qualidades de sementes. Levava bem para o meio da passeata, pois ali teria cliente certo. Os gregos gostam de beliscar típicas sementes salgadinhas e outros "petiscos" que não consegui identificar. A caminhada gigante que circulava pela praça e as palavras de ordem não pareciam afetá-lo. Estava ali apenas para ganhar um dinheirinho. Como ele, também desfilavam os imigrantes paquistaneses, vendendo água. Da mesma forma como o homem do carroção das sementes, eles passavam com as caixas cheias daquele líquido precioso, no calorão da manhã, sem se afetar pela manifestação.

Já os negros, vindos de lugares como a Somália, Nigéria e outros pontos da África, apareciam com enormes sacolas e espalhavam mercadorias em alguma esquina, prontos a venderem carteiras ou óculos de sol, no melhor estilo dos nossos ambulantes, aproveitando

a multidão. É que os imigrantes aqui na Grécia parecem ser os mais pobres entre os pobres. A eles não lhes toca a crise, pois é em crise que vivem desde que saíram de seus países para tentar uma vida nova na boa República Democrática Eleniká. Dizem os governantes que a terra dos filósofos é uma excelente porta de entrada para essas pessoas, cujo sonho é chegar à Europa rica, por isso eles são vistos aos borbotões, assim como também são perseguidos.

Num dia em que Atenas praticamente parou, sem transporte público de nenhuma natureza, sem comércio aberto, nem nada, apenas os negócios de lata ficaram abertos e seus donos estavam bem felizes, igualmente vendendo água, chocolates e biscoitos. Esses negócios são espécies de quiosques, feitos de lata, existentes a cada cem metros. Vendem essas coisinhas que não competem com os comerciantes mais abastados. Eles também reclamam, pois os turistas, seus mais frequentes fregueses, diminuíram muito na Grécia desde o ano passado, quando começou a crise. Raros são os ambulantes no centro da cidade. Em compensação, os mendigos abundam. Muitos são homens jovens,

que não encontram trabalho, e ficam a perambular pelas ruas. Também encontrei algumas senhoras, muito velhinhas, que chegam a andar curvadas, com suas mãozinhas enrugadas estendidas. Cena triste demais.

Já entre os trabalhadores que se manifestaram na greve geral ficava bem claro o número expressivo de jovens. Na caminhada das centrais sindicais GSEE e ADEDY e do Partido Comunista, eles eram os mais firmes no grito de ordem e na animação. Ninguém ali parecia derrotado, embora o parlamento tivesse votado no dia anterior pela reforma das aposentadorias. "Os direitos fundamentais não se apagam quando uma lei é aprovada. A luta por aqui vai continuar", afirmavam. Também não havia choramingação em torno do fato de que o governo que aprovou esta lei e outras tantas medidas de arrocho seja um governo socialista. "As coisas são assim. Eles mudam e a gente luta. Se a gente continua, eles caem".

Para os trabalhadores gregos não há qualquer sentido no plano de ajuda do FMI. Os grupos econômicos que viabilizarão o empréstimo de mais de 100 milhões de euros são os mesmos que são

credores da Grécia. Ou seja, o dinheiro entra na Grécia e logo volta para as mãos de quem emprestou, uma vez que o principal ponto da crise é justamente a dívida que o governo tem com os bancos estrangeiros. "Os ricos que paguem a conta", este é o grito de guerra dos que saíram às ruas no 8 de julho. Segundo eles, o tal ajuste só ajusta a vida dos que sempre tiraram o escalpo do povo: os bancos. As medidas tiram 15% dos salários dos funcionários públicos, congelam as atuais aposentadorias e aumentam tempo e contribuição e idade para se aposentar. Algo muito parecido com o que aconteceu no Brasil em 2003.

A mídia eletrônica grega também nos apresenta uma sensação de estar em casa. Tirando a língua, absolutamente incompreensível para quem não a conhece, o resto é uma cópia do modelo CCN de fazer jornalismo. No dia da greve, por exemplo, parecia que era outro país que passava na TV. Poucas foram as notícias sobre a mobilização e as que apareceram vinham desconectadas, sem que o espectador pudesse compreender a totalidade dos fatos. Além disso, muitas são as matérias com governantes e legisladores afirmando que estas

medidas são fundamentais para salvar a Grécia, o que leva uma boa parcela da população no bico.

Exemplo disso foi uma furiosa briga entre dois homens no trajeto da passeata. Um deles, irritado com a mobilização, começou a xingar, e um outro parou para argumentar. Ali ficaram por vários minutos a gritar um com o outro. Nenhum se convenceu. "Essa gente quer a derrocada da Grécia", insistia o homem na calçada. Outro *deja vu*. Já os que seguiam pela rua bradavam que é o capitalismo o único culpado por tudo o que acontece, e não eles, os trabalhadores. "Os ricos que paguem", insistiam.

Patrícia, uma brasileira que vive há 19

anos na Grécia, também não estava muito satisfeita com a greve. "Isso afasta os turistas". Ela disse que desde que começaram as mobilizações os estrangeiros preferem ir para a Turquia, afetando assim toda uma rede de trabalho que vive do turismo. Ela conta que realmente as coisas estão bem ruins, pois o governo tem jogado a conta nas costas dos trabalhadores. "Os taxistas, por exemplo, estão tendo de pagar mais imposto e precisaram aumentar a bandeirada. Isso diminui os lucros deles. Tem gente que já não está mais conseguindo sustentar a família". Mas ainda assim Patrícia parece não aprovar as passeatas e greves. "Temos que mostrar

que a Grécia está em paz".

Na Grécia o salário mínimo valia 650 euros, e agora baixou para 550, uma perda amarga para os que vivem na barra da miséria. Para se ter uma ideia, um lanchinho básico, com pão e café, não sai por menos de 8 euros. A passagem de ônibus custa 1 euro, e uma olhada nas vitrines que se apresentam, iluminadas, revela que um simples sapato custa 50 euros. Tudo está muito caro para o grego comum.

O dono de uma destas bodegas de lata, místico, fala que tudo começou a ficar pior na Grécia quando o governo decidiu abandonar a moeda histórica, o dracma, a mais antiga em circulação no mun-

do. Com a entrada da Grécia na União Europeia, essa foi uma exigência: adotar o euro. "Nossa moeda estava aqui desde os tempos antigos, fazia parte da nossa identidade. Sem ela, fomos ruindo". O dracma foi criado ainda no tempo das cidades-estado, antes de Cristo, e eram medidas de pagamento. A versão moderna apareceu em 1833, com a independência, e foi usada até 2002, quando finalmente a Grécia entrou na zona do euro. Agora, com a crise, já tem economista falando que o país terá de renunciar ao euro. Mais um golpe. Nem euro, nem dracma. Que a grande Atena possa proteger seu povo.

O dia de greve geral acabou em clima

de melancolia. Mesmo na alegre Plaka, um espaço de bares e lojas típicas, os turistas pareciam estar mais quietos, num reverente respeito ao povo que saiu pelas ruas durante o dia todo. Apenas um garotinho, tocando uma típica guitarra grega, cantava sem parar. Mas, ainda assim, seu canto não tinha alegria. Parecia mais um dolorido lamento. Só um pequeno grupo de jovens vestidos com camisetas que estampavam Che Guevara parecia estar bem. Eles atravessavam a rua com um riso bonito na cara, jeito de quem havia cumprida a missão. "Os ricos que paguem", falei em grego macarrônico. Eles fizeram o sinal de positivo e se perderam nas ruazinhas do bairro. Lá





de cima da Acrópole, os deuses sorriram. A Grécia segue em luta.

As saídas

Os sindicatos na Grécia vivem um momento de ascensão, mas muito arrastados pelos trabalhadores. Assim como em todo mundo, as coisas andavam em baixa. Pouca credibilidade, pouca mobilização. Com a vida cobrando seu preço no dia-a-dia, os trabalhadores foram exigindo respostas das instituições. Os mais organizados são os de trabalhadores públicos, possivelmente os que estão levando a pancada maior, mas, agora, também os do setor privado começam a levantar. De qualquer forma não há uma proposta clara e unificada por parte das forças de esquerda sobre as saídas para a crise. Fala-se em não pagar a dívida, mas esse é um discurso simplista, de agitação.

Não pagar exigiria um ordenado plano entre as instituições sociais e o governo, para que o país não fosse jogado num redemoinho ainda pior.

Poucos são os que falam em uma auditoria da dívida, como a que aconteceu no Equador, por exemplo, para que o estado pudesse ter clareza do que, nestas transações, no mais das vezes leoninas, é verdadeiramente legal. Os contratos estudados pela comissão da dívida do Equador mostraram o quanto estes acordos estão eivados de ilegalidades. E, a considerar que são quase os mesmos credores, uma auditoria poderia dar uma radiografia segura sobre a legitimidade da dívida. Mas isso é bem pouco tratado entre a esquerda. Há os que propõem a saída da zona do euro e a recuperação de uma moeda própria, embora não se encontre uma articulação mais concreta. São falas sindicais ou populares. No parlamento a maioria esmagadora está com o governo e faz o discurso do sacrifício. Há que apertar o cinto, dizem, mas esta proposta é só para o povo.

Entre os militantes do Partido Comunista há a preocupação em sair do âmbito das questões meramente econômicas. Eles querem que se discuta a

propriedade privada, o papel dos monopólios e a posição da Grécia dentro da União Europeia. Muitos são radicalmente contra a participação do país na UE, entendendo esta conformação como imperialista e opressora. Na verdade, eles apontam a necessidade de uma outra organização da vida, desde a realidade grega, com os recursos que o país pode dispor. E que não são poucos. Apesar de ter uma economia aparentemente frágil, baseada na agricultura (5%), indústria (20%), e serviços (74%) a Grécia é rota de um fluxo permanente de turismo, e um turismo caro, de gente rica, que deixa milhões de dólares ao ano no país. Assim, uma alternativa grega é completamente possível. Mas, para isso, seria necessária a construção de um novo sujeito político, capaz de romper tanto com as velhas práticas da Nova Democracia, como com as práticas neoliberais deste socialismo opaco que representa o

hegemônico Partido Socialista na atualidade. E, daí, juntar forças tão díspares da esquerda como os minoritários do parlamento, os trotskistas, maoístas e outros, não é coisa fácil. Nem na Grécia, nem em qualquer lugar.

De qualquer sorte, a chamada crise grega desencadeou uma força vital que é a mobilização popular. Nas ruas, o povo quer respostas, saídas, propostas de segurança. Os trabalhadores querem poder viver com dignidade, cuidar da família, pensar no futuro. E esse arrastão grego pode se espalhar por outros países da Europa que enfrentam os mesmos problemas. Na periferia da União Europeia, muitos países se equilibram em empréstimos para manterem a ideia de um equilíbrio do bloco. Só que, cedo ou tarde, como um castelo de cartas, isso pode vir ao chão. Entre os gregos, as propostas econômicas para a crise aparecem e são simples. Taxar as fortunas, aumentar os impostos

aos empresários, controlar a evasão fiscal que é altíssima, fazer com que os grandes empresários paguem suas dívidas com o estado, exigir que as multinacionais paguem impostos, enfim..., mas isso não parece suficiente para consolidar uma frente de esquerda capaz de impor esse receituário.

Andando pelas ruas de Atenas, no meio da multidão das gentes de todo o mundo que para lá acorre em busca de um passado mítico, o que nos aparece com absoluta clareza é a proposta de Samir Amin: a necessária desconexão. Ou os países apostam numa outra forma de organizar a vida que não seja o sistema capitalista, ou a destruição é ponto de chegada seguro. Esta lição vale tanto para os gregos como para todos nós. Afinal, hoje, o desvelamento desta "periferia" desgraçada da grande Europa é a prova concreta de que no capitalismo, para que um viva, outro tenha de morrer.



Urge somar as verdades e dizê-las a todos

Para a Rede Popular Catarinense de Comunicação

**Texto: Raul Fitipaldi,
de Florianópolis**

Transcorre um ano de intensa luta para os moradores de Santa Catarina. Trava-se no percurso de 2010 um ano com futuro incerto para o Estado. Os investidores próprios e forâneos decidiram apostar pesado nas entranhas do solo catarinense, até exauri-lo de riqueza e beleza. Tudo é pouco para os abutres do lucro inimigos da vida, agentes da morte. Ceifar fauna e vegetação é também ceifar vidas humanas. Isso é determinante para esta gesta de exterminadores que precisamos derrotar. Trata-se de destruir o solo onde se produz comida em troca de cimento para prédios luxuosos privativos e obras faraônicas impopulares, reduzindo a plantação de alimentos de sobrevivência sadios, por métodos sintéticos e desempregantes no tratamento da lavoura.

Trata-se de esvaziar de fauna as baías do Estado para construir embarcações petroleiras e de carga pesada esgotando os recursos alimentar e laboral tradicionais dos maricultores. Trata-se de construir esgotos gigantes transportadores da merda e o xixi dos ricos até os bairros onde residem os trabalhadores: coisa de “ladrão” e não de “mensageiro”.

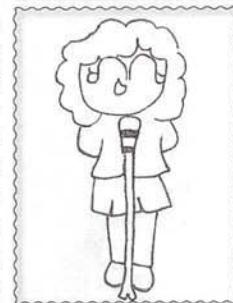
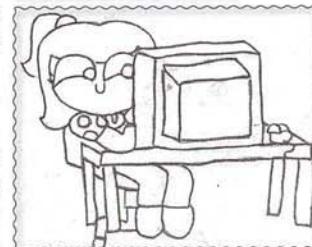
Consegue-se inviabilizar e enfermar a relação física com os seres queridos, dificultando a visita familiar, social, o emprego e o estudo, através de um sistema de transporte coletivo emperrado em baldear gente como água suja e proibir o lazer no fim de semana. Trata-se de deturpar a identidade da Capital do Estado com a descaracterização e destruição dos seus lugares históricos de encontro e sociabilidade.

Remete-se a relação poder/povo ao feudalismo ordinário superado pela luz do conhecimento básico. Atenta-se contra o povo instruindo às forças militares a combater os movimentos sociais, exercício próprio da ditadura e da enfermidade desta oligarquia obtusa e doentia. Apostar no modelo norteamericano de consumo e de determinismo social é um sinal de asco que têm esses ricos pelo pobre, pelo trabalhador e pelo progresso verdadeiro, sustentável e justo. A direção política e econômica do Estado e da Capital está deitada no atraso ideológico e na ignorância alienante.

Neste contexto de exclusão presente e futura, de controle social robótico, de imobilidade urbana e tensão rural; neste frenesi dos últimos gritinhos histéricos do neoliberalismo fracassado e inumano há vozes discordantes que crescem a cada dia. Por vontade teimosa das gentes há narradores de outras verdades, das verdades dos majoritários, dos destituídos da graça do garrote e da máquina público-privada. Existe outra forma comunicacional que precisa se estender com a colaboração de leitores, de militantes sociais, de operários da palavra. Essa forma vanguardou e vanguarda nas lutas do Sul da Ilha contra o trem da merda alheia, contra a demonização da história da esquerda representada no Bar do Seu Chico. Essa outra comunicação desde Sambaqui foi somando trincheira contra o brinquedinho assassino de Eike Batista e associados, conhecido como OSX. É com essa comunicação que se enfrenta a agressão dirigida aos agricultores de Imbituba e aos usuários

penitentes da procissão fúnebre da COTISA. Essa comunicação precisa chegar a mais e mais pessoas, não por vaidade ou para privilégio dos veículos alternativos desta região, mas, para que outros moradores de SC saibam que há outra realidade e outro direito que lhes assiste além das redes monopólicas com sede em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Que este Estado tem outras vozes que não buscam nem têm lucro, que já não gritam no deserto, que já não abordam o problema comunitário e social como um acontecimento meramente anedótico e sim como central para a definição da vida e sobrevivência dos pobres da sociedade catarinense.

Precisam esses veículos alternativos que você entre em rede com eles. Que você cada vez mais se assuma como sujeito através deles, o os use como ferramenta de defesa e como flecha de ataque contra esses mercadores da vida que assolam esta terra rica e bonita. Busque mais e mais gente que esteja disposta a somar verdades com urgência. Não é suficiente com que leia esta Revista, com que acesse aquele Portal ou escute aquela Rádio, é preciso que os divulgue, que os partilhe, que milite pela Soberania Comunicacional nesta parte do universo. Assuma o direito de clicar no seu futuro, de garantir que sua história seja lida em tempos vindouros, que seja ouvido seu sorriso quando isto tudo lhe pertença em partes semelhantes a todos os demais. Escutar a verdade é um ato tão soberano como comer, ser dono do seu solo e defendê-lo quando se torna necessário. A hora de somar e exercer a sua defesa chegou.



**Ilustração: Camila
Bion de Assis**

Josélia, a mulher que não para

Textos e fotos: Janice Miranda,
de Santo Amaro da Imperatriz (SC)



Josélia Alves de Medeiros é daquelas pessoas de quem não há como duvidar. Ela é totalmente afirmativa. Suas frases são de efeito, mas ela as diz com tanta propriedade que fica difícil não acreditar nessa costureira de 65 anos, que nasceu em uma das casas históricas de Santo Amaro da Imperatriz, no pé da serra catarinense. Filha de uma família de sete filhos, dois homens e cinco mulheres, Josélia vai para cima e para baixo, de bicicleta, pela cidade. Diz que não gosta de caminhar, nem de andar de carro. Pergunto se a magrela era uma paixão e ela rebate: “Paixão, não. Era necessidade mesmo”. A bicicleta era o meio de transporte de Josélia nas entregas de mercadorias da venda que os pais tinham na década de 1960.

As sardas marcantes na pele alva revelam a descendência inglesa, por parte de pai. “A gente é penetra. Brasileiros são os índios”, sentencia a santamarense de pequenos olhos azuis, sempre alertas. Desde a morte de um de seus irmãos, o pai de Josélia contou com ela para o trabalho pesado. “Meu pai me adotou no lugar do meu irmão. Sempre fiz serviço de homem. Acordava às duas da manhã e tinha dia que eu matava até duzentas galinhas pra vender pra Florianópolis. Íamos de ônibus”.

Um dia, o pai de Josélia trocou batatas por uma máquina de costura e disse que daria à filha que aprendesse a costurar primeiro. Em três meses a jovem Josélia aprendeu o ofício. Com o dinheiro da costura comprou uma picape, de meia com o pai. A entrega das galinhas passou a ser de carro. Na volta da capital Josélia trazia pintos para engordar e virar a próxima entrega.

Com orgulho e o nariz para cima conta que, quando menina, na escola, os colegas não entendiam como ela aprendia tudo com tanta facilidade, pois não copiava quase nada do quadro. “Eu prestava bastante atenção quando a professora ensinava e pronto. Nunca ninguém precisou me ensinar alguma coisa duas vezes”. Nas provas, os alunos caprichavam na decoreba e ela contava as coisas com suas palavras. Josélia acabava ficando com as melhores notas. “Eu era atentada”.

Pé-de-valsas, mesmo com muito trabalho, quando mocinha a costureira sempre arrumava tempo para os bailes no sítio e também para namorar. E muito. Ela conta que era uma guer-

ra em casa, porque os pais não queriam que a filha saísse, mas Josélia sempre dava um jeito de escapar. "Dava as minhas pernadas de dia porque tinha que estar em casa às dez da noite, senão a gente ficava falada. Tinha que manter a reputação. Mãos dadas só depois de noivar", relembra, em voz alta e com os olhos arregalados. Numa dessas pernadas Josélia conheceu Mário, com quem namorou de 1962 a 1967, quando casaram. No tempo de mocidade em Santo Amaro dava para contar nos dedos quem tinha automóvel. Mário tinha que pegar o último ônibus, lá pelas nove da noite. Caso contrário, o jeito seria dormir na praça.

A vida de casada não foi das mais fáceis. Enquanto o marido rodava o país no caminhão do patrão, recebendo um salário abaixo do mínimo, Josélia cuidava da casa, da criançada que chegava sem parar (Josélia parou no sétimo filho) e das contas. A costura era seu ofício, mas, no sufoco, ela se virava como cabeleireira e chegou a fazer um curso por correspondência para aprender a fazer peruca, em moda nos anos 1960. Josélia fazia permanente no cabelo das clientes e, em troca, depois ficava com as madeixas para confeccionar as cobijadas perucas. O primeiro corte de cabelo foi na raça mesmo, sem saber usar da tesoura. "Mas fiz na certeza, parece que nasci sabendo. Vai ver que é porque tinha isso no sangue, tinha uma tia cabeleireira".

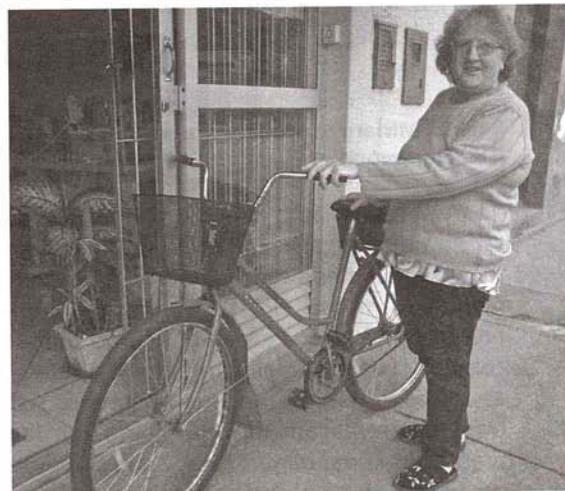
A sinceridade a toda prova e a certeza no que faz são marcas de Josélia. Há pouco tempo, uma jovem de Santo Amaro procurou os serviços de Josélia e tentou ensiná-la a costurar determinada peça de roupa. Pra quê! A empedernida costureira não contou tempo e disse à moça que fosse à outra pessoa. "Estou com quarenta anos de costura e vem uma molequinha que não sabe, querer me ensinar? Pois olha só, hoje ela é uma das minhas melhores clientes". Doa a quem doer Josélia diz o que acha necessário de imediato. E o jeito de ser dela parece agradar a freguesia, porque a costureira não para.

Enquanto acontece a entrevista para *Pobres Nojentas*, numa segunda-feira pela manhã, um rapaz traz calças

para fazer a bainha. Ele experimenta as roupas, Josélia marca a altura adequada e marca o dia de entrega. Na saída, o jovem pergunta se deve pagar adiantado. "A gente gosta mais assim, né?", diz Josélia. Geralmente os clientes saem com a roupa arrumada. A costureira gosta de resolver as coisas rapidamente. Ela investe o que pode no seu ateliê de costura no centro de Santo Amaro da Imperatriz, porque entende que os clientes merecem o seu melhor. Quando as máquinas ficam obsoletas, a costureira apressa-se em trocar por novas, mais modernas.

Josélia conta que teve por muitos anos uma asma forte, que a fez tomar medicação com corticóide até os 48 anos de idade. A doença lhe rendeu uma canseira danada e inchaço no corpo. A osteoporose também maltratou Josélia por um bom tempo. Ela chegou a quebrar a perna em cinco partes pelo enfraquecimento dos ossos. Adquiriu diabetes por não ir almoçar em casa para "comer direito" e ficar na sua salinha costurando e comendo besteiras, como diz. Hoje ela não descuida da saúde, usa homeopatia, come 7 refeições por dia, faz hidroginástica três vezes por semana e trabalha sem parar. Orgulhosa, conta que os exames revelaram que seus ossos estão equivalentes aos de uma pessoa saudável de dezoito anos e que asma nunca mais incomodou. Quando faz esforço sente dor no peito. Mas não se assusta. "Faço exame e tá tudo bem. Vai ver que ainda tenho banya pra queimar", diz ela, referindo-se aos quilos perdidos ultimamente.

Preocupados com sua saúde, os filhos certa vez deram sumiço nas máquinas de Josélia. A intenção era que ela parasse com a costura. Durante um almoço familiar um dos filhos reclamou que tinha cebola na comida. "Ele disse que era comida de porco. O que eu fiz? Trouxe tudo de novo. Agora não faço comida pra mais ninguém. Mário é quem cozinha, porque comida pra mim tem que ter cebola". Josélia fica feliz pelos clientes colonos, pois diz que eles sabem valorizar seu trabalho. Não pensa em parar de trabalhar. Ela acredita que assim ficaria tola, com a memória ruim. Josélia é feliz do seu



jeito, fazendo uma coisa de cada vez. "Não dou passo grande na vida. É passo pequeno e sempre. Tem que ser avante e sempre, sem deixar a peteca cair".

A família é um de seus assuntos preferidos. Fala sem parar nos filhos e netos, mas quando é para ser dura ela sabe bem. "Cagada de filho não dá para perdoar, a gente tem que ser enérgica, senão eles não aprendem", diz Josélia. Por doença ou morte, ela cuida dos netos. Caso contrário, o papo é outro. "Eu não crio neto. Quem tem o seu que embale. Tive sete e não coloquei na porta de mãe, nem de sogra". Josélia não é de fazer muita visita. Já foi, mas hoje seu tempo é mais restrito. Com aquela carinha de vovó do interior, penso logo que ela deva ficar arrumando a casa, o jardim. "Menina, eu vivo no computador, jogando, no msn, no orkut, não dá tempo. Quer o meu email?", diz a costureira enquanto guarda os trocados de um serviço em sua algibeira, bem escondidinha na cintura.



Tá com o bicho-carpinteiro?

**Texto: Miriam Santini de Abreu,
de Florianópolis**

Às vezes eu não paro quieta. No trabalho, ajeito de mil formas diferentes a cadeira, o monitor, o mouse. Fico sempre na busca daquele ponto "ótimo", quando finalmente as ideias fluem, se encontram e se enlaçam na tela branca do computador. Para ver filmes, ajeito o notebook sobre a caixa da Philco, onde ele nasceu e que me serve de suporte sobre a cama. Mudo várias vezes de posição para encontrar o melhor ângulo de tela e de incidência de luz e assim ler com mais facilidade as legendas.

O pior é na cama. Na hora de dormir, preciso encontrar

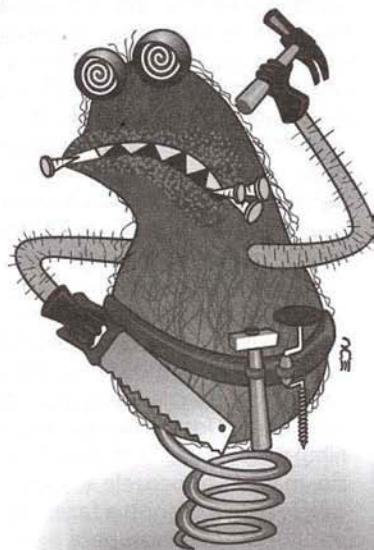
uma certa posição dos braços, das pernas e da cabeça, no lugar certo do travesseiro, para finalmente relaxar o corpo todo. Até encontrar a posição desejada, é só desassossego. Assim vai coberta para um lado, lençol para outro e edredom no chão. Por essas e outras dia desses ouvi a pergunta:

- Guria, tu tá com o bicho-carpinteiro?

Eu, quando era pequena, também ouvia isso de minha mãe e de meu pai. Ri muito ao novamente encontrar a expressão numa conversa, cujo principal conteúdo foi em torno da seguinte dúvida: alguém já viu

o bicho-carpinteiro? Como ele é? Pesquisei sobre a origem do nome e, entre outras coisas, li que a expressão é erroneamente usada para dizer que a pessoa está inquieta, agitada, não para sentada. O correto seria dizer que ela está com bicho "no corpo inteiro". Virou bicho-carpinteiro! Em outro lugar descobri que se trata de uma expressão antiga, usada em Portugal desde o século 18. Com base em uma cuidadosa análise dos possíveis atributos do bicho, pedi ao colega jornalista e ilustrador Eduardo Schmitz para desenhá-lo o tal ser. E aí? Tá com o bicho-carpinteiro?

Ilustração: Eduardo Schmitz



umas e outras

AFINAÇÃO - Este ano, tudo leva a crer que a voz das urnas será feminina.

DUREZA - Com a diminuição da faixa de areia, está cada vez mais difícil para o banhista conquistar um lugar ao sol.

CHATICE - Mesmo de pé, muitos oradores insistem em deitar falação.

QUASE IGUAL - A evolução da espécie é isto que explica a passagem do ser humano das cavernas para baixo dos viadutos.

CAPRICHOSA - A bola, às vezes, cheia de malícia, tem desejos de beijar a trave.

VALE TUDO - Gol chora-

do também faz a alegria do torcedor.

NÃO É BEM ISSO - A maioria das mulheres não gosta de futebol, mas algumas ficam muito excitadas quando ouvem falar no "Colosso do Arruda".

DIZEM - Este inverno tem sido tão frio, mas tão frio que:

- Dizem que nos bares estão trocando a cerveja "estupidamente gelada" pela cerveja na temperatura ambiente.

- Dizem que as baleias e seus filhotes, que vieram ao litoral catarinense em busca

de águas mais quentes, já começaram a voltar para a Antártida.

- Dizem que os camelôs que costumam vender tudo que é bugiganga, agora ocupam as esquinas para gritar: "Luvas! Gorros! Cachecóis!".

- Dizem que viram geladeira pedindo para ficar mais perto do fogão.

- Dizem que a temperatura tem sido tão baixa que todo torcedor de futebol virou pé-frio.

- Dizem que houve dias em que o consumidor reclamou ao Procon que o picolé não derretia.

**Texto: Celso Vicenzi,
de Florianópolis**



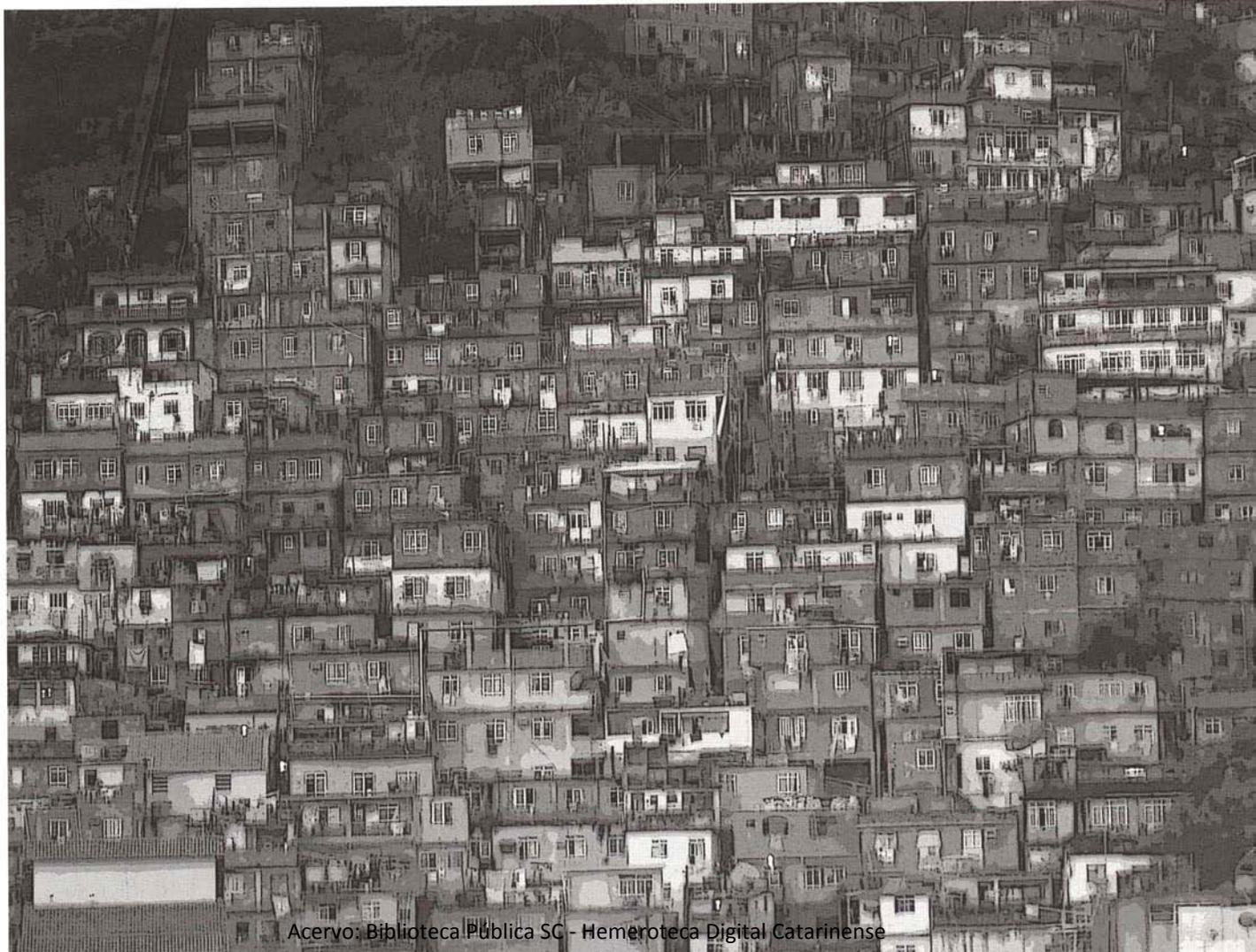
*Celso Vicenzi,
jornalista, já
foi presidente
do Sindicato
dos
Jornalistas/*

*SC, Prêmio Esso
de Jornalismo e
atualmente assessora
um sindicato e uma
cooperativa de crédito.*

Espelho quebrado

As pessoas não querem ler sobre a dor.
Não querem saber dos que enlouqueceram.
Dos que vagam perdidos.
Dos desarrumados.
Dos que fedem.
Nesse mundo que não deu certo,
quebram os espelhos
e tentam esconder o lixo.

Por Rosangela Bion de Assis,
de Florianópolis



E se...

E se o sonho que mais te agrada
Você parasse de sonhar?
E se a aventura que você
sempre desejou
Nunca acontecesse?

E se sua história de amor
Aquela que você esperou a
vida toda para acontecer
Acabasse com o passar de uma
simples
Brisa?

Seria como perder os sentidos
Como passarinhos que não
cantam
Borboletas que não voam
Flores sem cor
Um coração partido
permanentemente

Mas e se a pessoa amada não
te amasse?
Eu perderia o chão
Ficaria sem ar
Um vazio dentro de mim
E se então ela fosse embora,
dizendo adeus para sempre?

Aí o mundo acaba
Desmorona,
quebra em
pedaços
E onde
um dia
havia um
coração
Fica aquela
brisa
que acabou com tudo...

Leticia Alves de Aguiar,
estudante, mora em Brasília e
escreveu a poesia na Primavera
de 2008

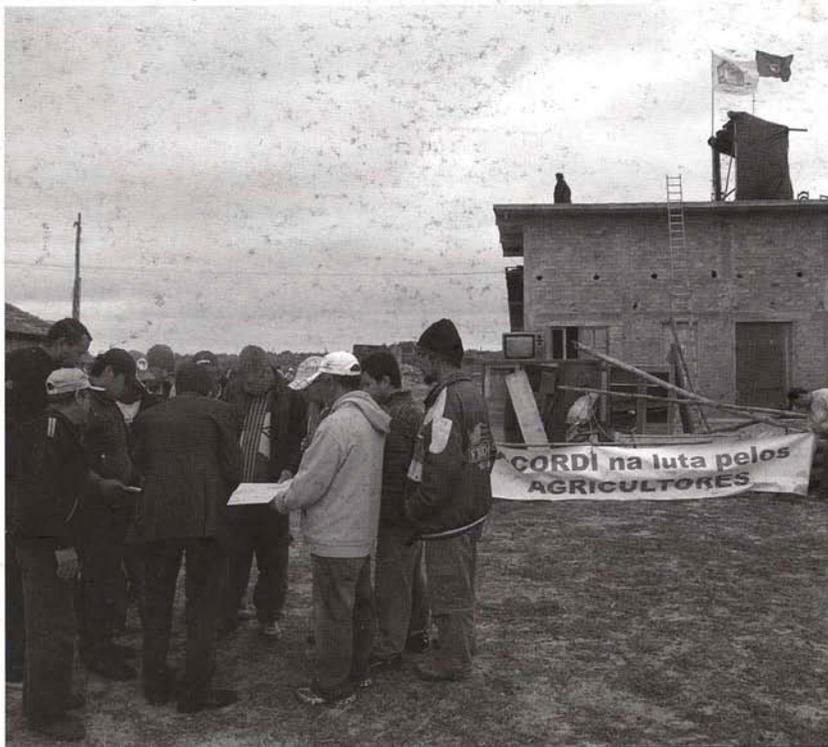
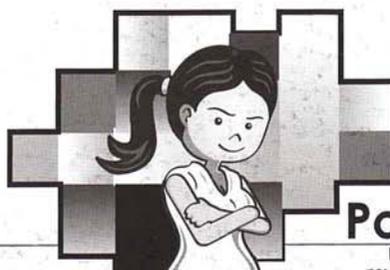


Foto: Pepe Pereira dos Santos

**Sul em luta contra pilhagem de
terras - na página 14**

**Grécia, bola da vez da cobiça
capitalista - na página 18**



Pobres

Uma revista de **Nojentas**
classe